

revista

Fragata

dos

alunos

do

colégio

naval

Y
359.071281
1957

1957

CAPA

Uma idéia dos alunos Almeida e Ronald, vencedora do nosso Concurso de **layouts** para a Copa de 1957, devidamente modificada na arte-final por E. V., desenhista de FRAGATA.



Fragata



ANO VI



REVISTA DOS ALUNOS DO COLÉGIO NAVAL



N.º 6

A Nossa Redação



| | |
|--------------------------------------|--|
| Redator-Chefe | — al. Lucimar Luciano de Oliveira |
| Redator-Principal e Fotógrafo | — al. Ronald Albino Guimarães |
| Secretários | — al. Alberto Carlos de Aguiar — al. Denis David Lupovici |
| Tesoureiro | — al. Marcos Augusto Leal de Azevedo |
| Redatores | — al. Marcos Poggi de Araújo — al. Elpio Luciano Gomes |
| Oficial-Orientador | — CT Carlos Horácio dos Santos |
| Colaboradores | — al. Frederico Félix Antônio Bullaty — al. Paulo Gustavo da Silva Costanzo — al. Aldo do Prado Maia — al. Amadeu Mártire — Sr. Moacir Teixeira da Silva — al. Odamil |
| Revisão | — Professor Dinamérico Pereira Poggio |
| Planejamento e Desenho | — Elísio Valverde |



P
359.071281
F811

Fragata

Sumário

| | |
|---|----|
| a nossa redação | 1 |
| apresentação | 3 |
| álbum de saudade | 9 |
| momento absurdo | 25 |
| a amizade, a velha conhecida | 27 |
| eu sou fuzileiro naval | 47 |
| requiescat in pace | 71 |
| últimos ecos | 80 |
| reportagens | |
| ação de graças | 78 |
| angra-santos-rio | 44 |
| arrancada final | 72 |
| baile da âncora | 79 |
| concurso de oratória | 77 |
| feira junina | 55 |
| gincana recreativa | 23 |
| honra ao mérito | 6 |
| passeio a jacuecanga | 20 |
| primeira regata de "snipes" rio-colégio naval | 38 |
| retrospecto | 14 |
| rio-vitória | 50 |
| segunda regata rio-colégio naval | 76 |
| troféu eficiência | 28 |
| um tipo inesquecível | 10 |
| visita a nova olinda | 48 |
| poemas | |
| esperança | 60 |
| fragata | 4 |
| fragmentos | 26 |
| indiferença | 60 |
| jacqueline | 61 |
| reminiscências | 22 |
| um nome | 43 |
| velho barco | 43 |
| virgens marías | 59 |
| contos | |
| números e nomes | 62 |
| um homem que volta | 68 |
| volta de licenciamento | 37 |
| relatos | |
| combôio, o | 56 |
| náufragos | 66 |
| humorismo | |
| ora! de farda | 65 |

Paremos um pouco, companheiros !

Contemplemos distante o horizonte ferido de enormes galhos secos, sem vida, sem folhas... O fogo tempestuoso ardendo na intimidade de seu próprio viço... Devastadas as árvores, devastados os campos, devastadas as estradas do futuro, companheiros, restar-nos-á unicamente a missão de reconstruí-las, orná-las de flores e sombras, de frutos e vida...

Eis o futuro. Eis a sombra que perseguirá eternamente os ideais inseguros. Cada um de nós é o seu próprio porvir; cada um de nós será construtor de sua própria estrada, sem quaisquer ajudas; estradas apontando para o mesmo norte, na rota indomável dos destinos inabaláveis... Eis o futuro: galhos secos e mortos, nublados e tristes, braços abertos aos céus implorando luz...

Paremos um pouco, companheiros !

Olhemos agora o passado...

Nossos passos gravados nas areias luzidas da praia grande povoada de luz... Outrora o mar brincava de gigante nas pedras enormes e ensombradas, e os barcos dos pescadores solitários não ousavam transpor aquelas ondas...

Companheiros, nós as transpusemos !

"Nossa luta foi recompensada !"

Construímos vida e soubemos vivê-la, na união de nosso ideal único, retirando força da mocidade de nossos corações.

Agora, mais dois anos engrossam as páginas da Enciclopédia do Passado !

Páginas coloridas de vontade e vitória, embelezadas pelos momentos mais inesquecíveis de nossa mocidade !

... FRAGATA enfunou as velas e partiu... Partiu ao encalço das ondas revôltas, para fundear ao largo da praia grande povoada de luz, onde orquestrará para o futuro a música de dois anos de passado...

O REDATOR CHEFE

FRAGATA

COSTANZA

Por cima das ondas
qual ninfa das águas,
sentindo no peito
o bafejo do mar,
a fragata se lança
na esteira das vagas,
coas asas esguias
sedentas de ar . . .

De turva plumagem
e olhar pardacento,
o bico aguçado
de o vento cortar,
"Vigia dos mastros",
seu grito é lamento
que rola na noite
e ecoa no mar . . .

Na densa penumbra
em que reina a procela,
velando penedos,
se deixa ficar
à fúria dos ventos
que causam tormento
ao próprio rochedo,
"Eremita do Mar" . . .

Dos velhos navios
de velas bojadas
de ocultos roteiros,
mistérios sem par,
outrora a fragata
seguia na esteira e,
beijando as espumas,
fazia-se ao mar .

HONRA AO MÉRITO

FOTOS DE RONALD



A par dos acontecimentos que envolvem os festejos da fim da ano, a entrega de prêmios escolares é uma merecida homenagem aos expoentes, nas diversas modalidades e fases da nossa vida :

1 — Ao aluno 2003, Raimundo Nonato Daniel Duarte, foi concedido o Prêmio "Colégio Naval" de 1957, por ser o melhor aluno do ensino colegial da turma concludente, sendo assim considerado o aluno que, ao concluir o curso, obteve a maior soma de pontos resultantes das notas de tôdas as provas parciais e finais das disciplinas do currículo, na categoria do Ensino Colegial, pelo que recebeu uma medalha de ouro e respectivo diploma.

2 — Ao aluno 2096, Waldemar Peregrino Leite de Araújo Filho, coube o prêmio "Almirante Saldanha", por ter sido o aluno de melhor conduta e conceito militar dentre os alunos da turma que concluíram o curso do Colégio Naval, sendo assim considerado aquele que houver obtido a maior média entre os



"graus de conduta" conferidos em cada ano letivo do curso, tendo recebido como prêmio, um espadim de Aspirante a Guarda-Marinho, em estôjo próprio, com gravação alusiva.

3 — Fêz jus ao "Prêmio Olímpico", por haver sido julgado o melhor atleta e esportista do Colégio Naval, sendo assim considerado o aluno de qualquer dos anos escolares que, durante todo o ano letivo, mais se destacou pelo desempenho nas diversas modalidades de provas esportivas, individuais e coletivas e pelas suas qualidades técnicas, aliadas à educação



esportiva, tendo, portanto, recebido um cronômetro com inscrição alusiva e respectivo diploma, o aluno 2085, Otto Carlos Brasil de Rezende.

4 — O Prêmio "Descartes", a ser concedido ao melhor aluno de Matemática e Desenho durante o curso, sendo assim considerado o aluno do 2.º ano que houver alcançado a maior média entre as notas obtidas em todas as provas (1.ª época) das disciplinas que constituem os ramos de Matemática e Desenho, foi ganho pelo aluno 2004, Raul Pereira Bittencourt,

prêmio esse que constava de uma régua de cálculo com gravação alusiva e respectivo diploma.

5 — Também o prêmio "Machado de Assis", a ser concedido ao melhor aluno de Português durante todo o curso, sendo assim considerado o aluno do 2.º ano que houver alcançado a maior média entre as notas obtidas em todas as provas (1.ª época), da disciplina de Português, coube ao aluno 2003, Raimundo Nonato Daniel Duarte, que recebeu, por isso, uma obra em português, encadernada, com inscrição alusiva e respectivo diploma.

6 — Constituiu-se em mais uma vitória do aluno 2003, Raimundo Nonato Daniel Duarte, o Prêmio "Rui Barbosa", a ser concedido ao melhor aluno em Línguas Estrangeiras durante todo o curso, sendo assim considerado o aluno do 2.º ano que houver alcançado a maior média entre as notas obtidas em todas as provas (1.ª época) das disciplinas de Línguas Estrangeiras (Inglês e Francês), tendo feito jus a uma obra encadernada, em inglês, com inscrição alusiva e respectivo diploma.

7 — O "Prêmio Dalton", a ser concedido ao melhor aluno de Física e de Química durante o curso, sendo assim considerado o aluno que, ao concluir o 2.º ano, houver alcançado a maior média entre as notas obtidas em todas as provas (1.ª época) das disciplinas de Física e Química, foi entregue ao aluno 2005, Sérgio Fernando do Amaral Chaves, prêmio esse que constou de um estôjo de caneta-tinteiro, com gravação alusiva e respectivo diploma.

8 — O aluno 2079,, Amadeu Mártire Filho, teve em suas mãos o Prêmio "Barão do Rio Branco", a ser concedido ao melhor aluno de Geografia e História durante todo o curso, sendo assim considerado o aluno do 2.º ano que houver alcançado a maior média entre as notas obtidas em todas as provas (1.ª época) das disciplinas que constituíram o ramo da Geografia e da História, que constou de uma obra encadernada, sobre História e Geografia, com inscrição alusiva e respectivo diploma.

revista

Fragata

dos
alunos
do
colégio
naval

Solicitamos permuta com publicações congêneres

We ask exchange with similar issues

Σαχτεροσ-νσσ ενοιάνδο ιμπεσσόνεσ ασέτσσ δεστσ τεο.ιστσ

REDAÇÃO:
COLÉGIO NAVAL
ANGRA DOS REIS - EST. DO RIO
BRASIL

ÁLBUM DE



Saudade

Onde ficaste, talvez agora sobre aquela brisa fria de tarde nublada que acalenta sempre a tristeza de tuas linhas pálidas... Haverá um banco quieto no canto da mata, um murmúrio de passáreo morrendo em silêncio, e, certamente, um coração saudoso olhando a paisagem bucólica das águas quietas...

Onde ficaste, haverá uma montanha viçosa e selvagem, aconchegando um colorido de flôres exóticas, e um ciclar velado de fôlhas caindo das árvores fortes... Haverá um silêncio mortal nas tuas paredes frias, uma imagem sombria de noite...

Onde ficaste, Colégio amigo, haverá sempre uma tristeza, haverá eternamente um fragmento de eternidade, encravados nas pedras de tuas praias...

Onde ficaste, existirá uma lágrima de saudade...



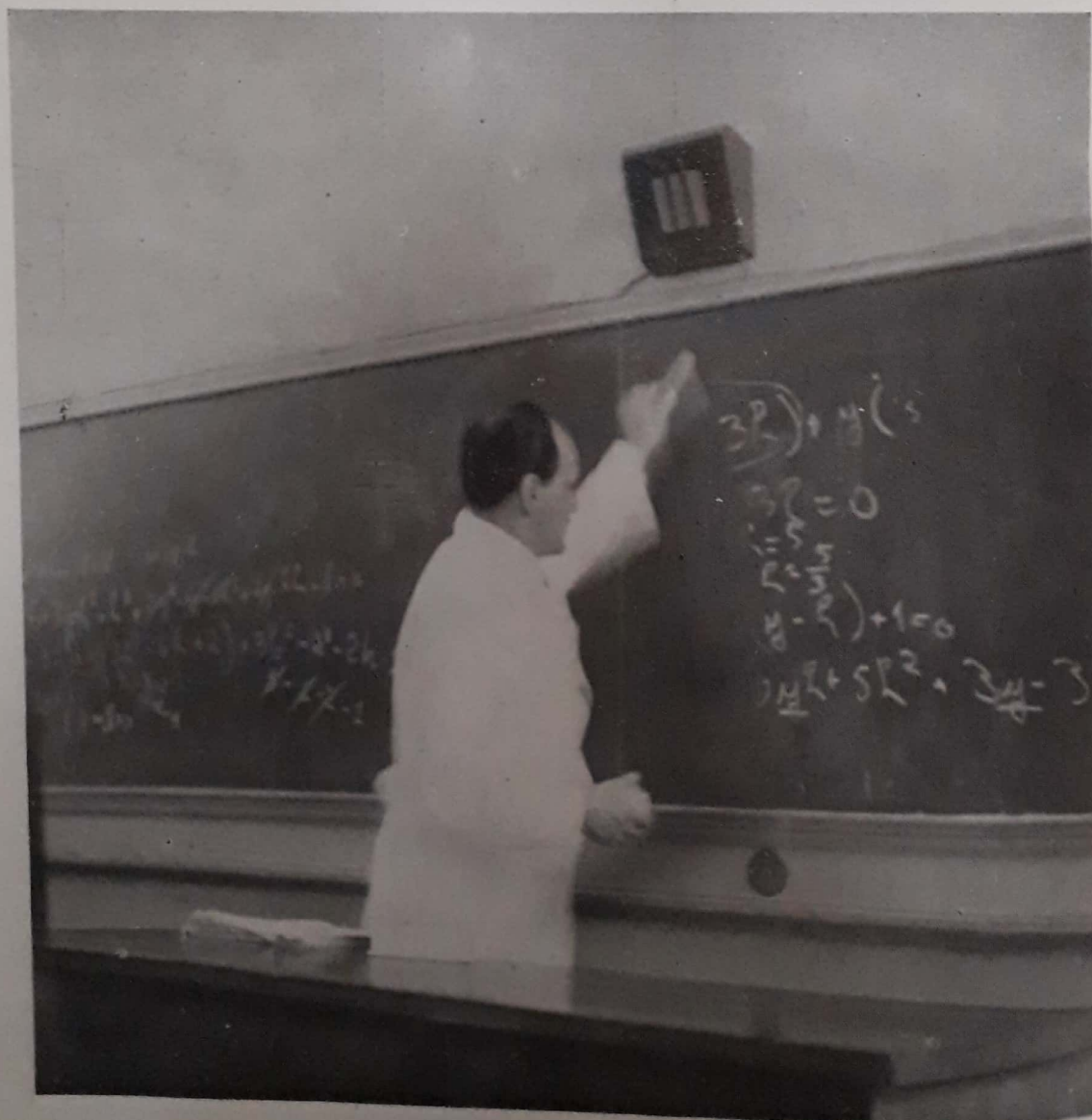
Lembro-me da infância: dois olhos brilhantes e sagazes que pesquisavam um mundo quase que totalmente desconhecido, duas interrogações perscrutadoras, penetravam sequiosos e tímidos nas afirmações do Mestre. O Mestre, por essa época, representava para mim alguma coisa de superior, talvez divino, misto de pai e sábio. Passam-se os anos, surgem respostas às inquisições naturais da infância, vêm novos professores, personalidades notáveis às vezes, outras perdidas na mediocridade; uns nos impressionam pelo modo de falar, pela voz firme e incisiva, pela convicção de suas afirmações; outros, pela notoriedade de seus profundos conhecimentos, pela fraternidade de suas atitudes, ou pela integridade de seus caracteres; há os que nos ficam algum tempo na lembrança, ocupando-nos o idealismo juvenil, até que brilho maior se sobreponha e cintile; há os profissionais, os nobres, os parvos, os idealistas; todos são professores. Todos nos acompanham passo a passo nos difíceis caminhos da sapiência com esta ou aquela parcela de cooperação e cuidado. Todos arrancam de nós críticas ou elogios, palavras justas ou injustas.



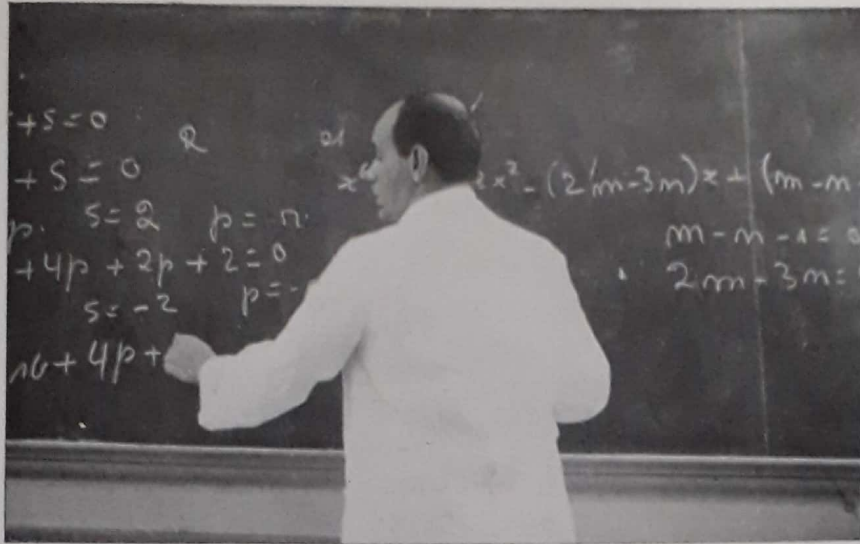
LUCIMAR

UM TIPO INESQUECÍVEL

Última aula. Nós partimos. Ele continua.



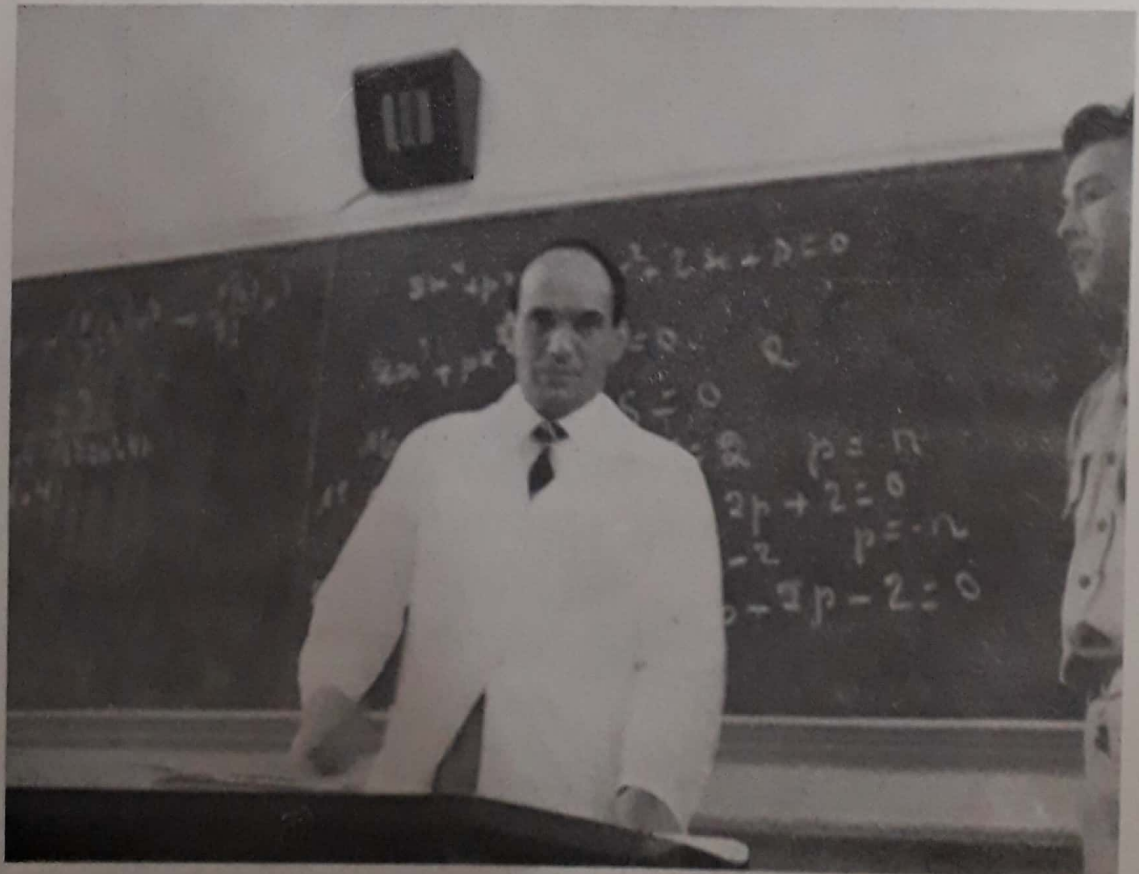
Segue



Só mais um problema...

UM TIPO INESQUECÍVEL

Picozzi discursa. Lágrimas em todos os olhos.





Agradecimento comovido.

UM TIPO INESQUECÍVEL

Há quem diga que o jovem elege o coração como órgão principal, centro de energias, gerador de decisões; e que o adulto, o íntegro, o forjado dentro de seu caráter, destrona o sentimento em favor da razão. Talvez acerte quem isto afirma. Quase sempre existe, entretanto, uma interligação, um íntimo contato e equilíbrio daquilo que é emotivo com o que é de raciocínio lógico. Bom Mestre, pelo juízo adulto, seria aquele que traça seu plano letivo dentro de um prático e inteligível conceito, procurando trazer à sua pequena falange a maneira simples de encarar as coisas, por profundas e complexas que sejam. Já o jovem, no seu coração flamejante e vivo, vê nele o olhar sereno e calmo; um quê de doçura rígida de pai, um pouco da sinceridade de um apóstolo. Vê nele a circunspeção de um justo, como a solidariedade de um irmão; compreende suas menores reações, os menores embargos de voz; acompanha seus dedos seguros e confiantes na discriminação dos problemas...

Segue

Fôssemos adultos e julgaríamos o Professor Figueirêdo — êle que reúne em si as virtudes de quem enfrenta a vida no seu cruciante e amargo, no seu triste e difícil — um Bom Mestre.

Somos jovens, entretanto!

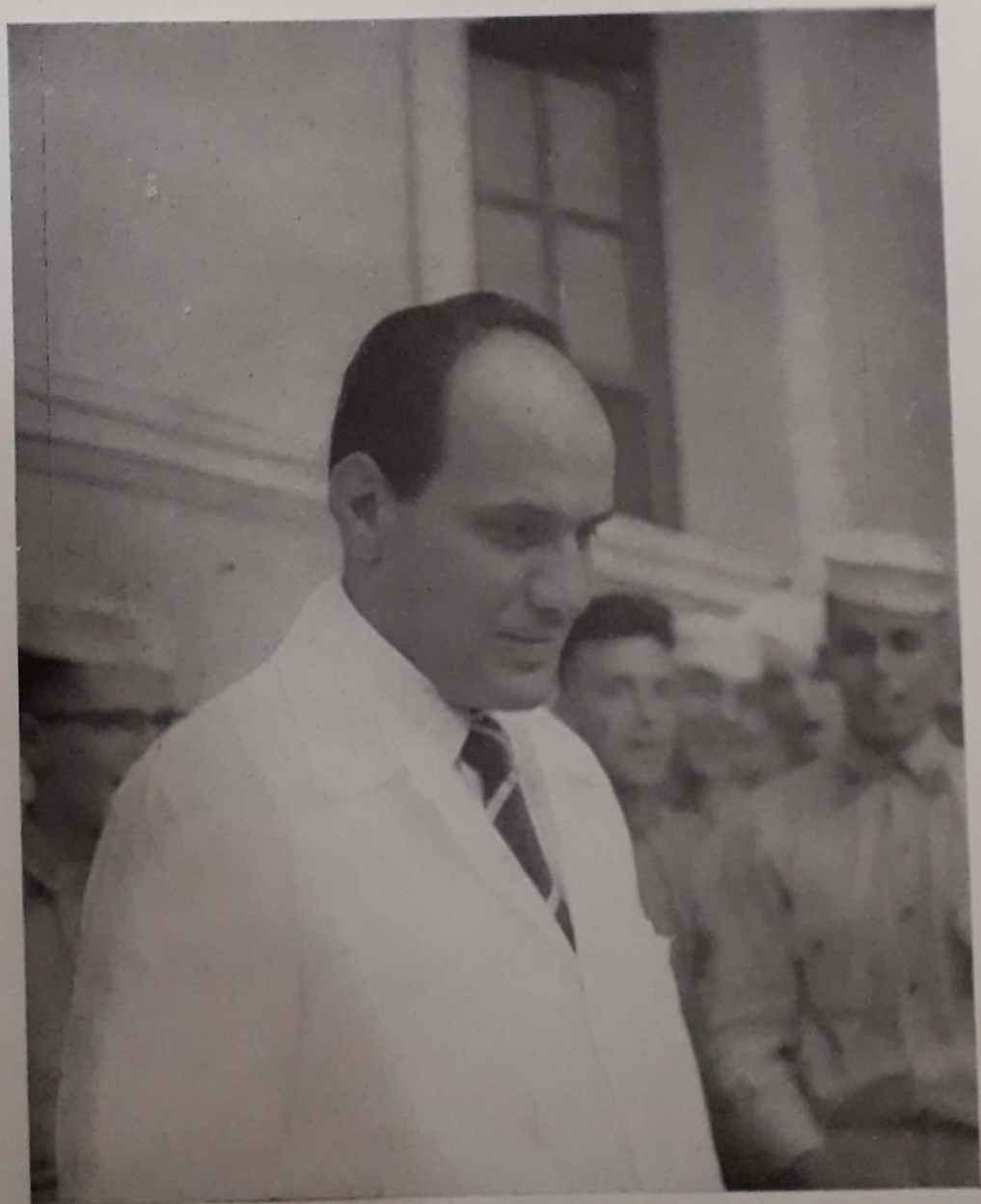
A nós nos cabe o direito e a honra de escrever seu nome em letras de ouro nos Arquivos de nossa Juventude, com tôda essa chama ardente, com o sentimento coberto de pura sinceridade.

No Colégio Naval, que vislumbramos na esteira do barco que nos leva a outro pôrto, grande parte de nós mesmos deixámos entregues a professôres como o Senhor, Professor Figueiredo!...

FOTOS DE RONALD GUIMARÃES

UM TIPO INESQUECÍVEL - *Continuação*

Grito de guerra, expressão de saudade.





No Aniversário do C.N. foi Disputada Entre as Equipes do Colégio Anglo-Americano e a Nossa, esta Monumental TAÇA SEXTO ANIVERSÁRIO DO COLÉGIO NAVAL, que Sa. Exa. o Ministro da Marinha ofertou para as Contendas. Vitória do C.N.

RETROSPECTO

FOTOS DE RONALD

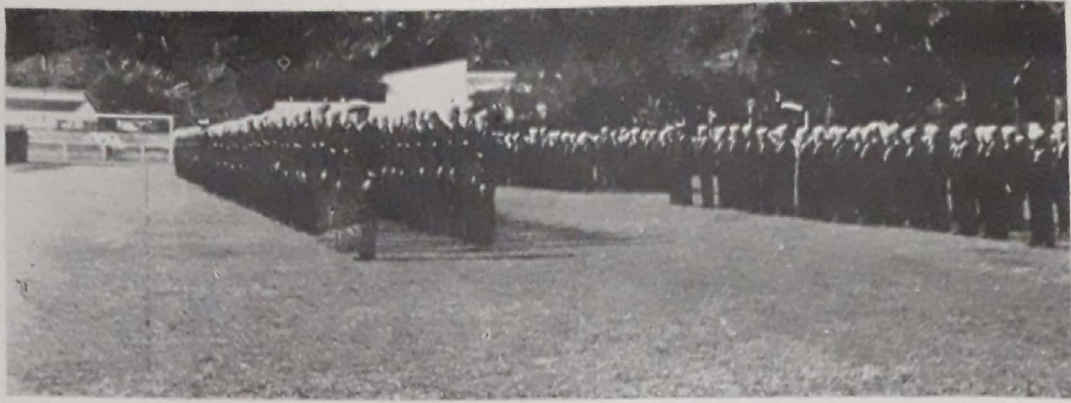


SEMANA DE ADAPTAÇÃO

Sete dias antes da chegada da turma do segundo ano, os jovens recém-passados nos exames de admissão embarcaram para o Colégio, acompanhados de cerca de trinta segundoanistas. Trata-se da semana

de adaptação, em que os novos alunos são submetidos a contatos com as agruras da vida militar, numa ambientação constante, descobrindo tôdas as suas novidades, as suas boas horas, e as horas de trabalho.

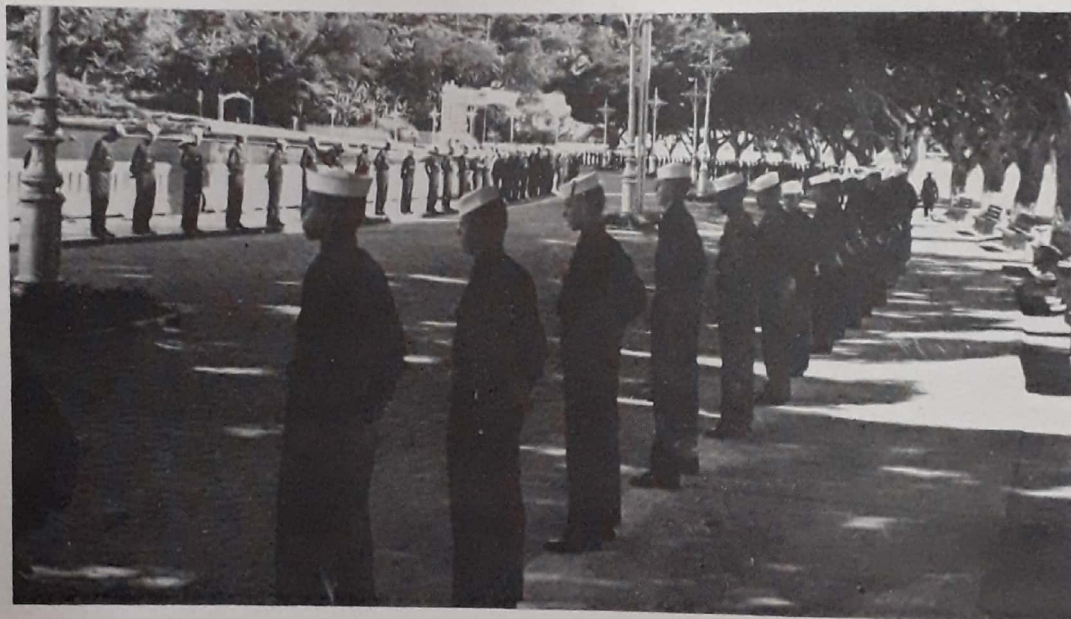




ANO LETIVO

Uma vez passados os primeiros dias de entrosamento e reestruturação, iniciaram-se as aulas. Houve pequena cerimônia pela manhã do dia quinze de março, precedi-

da de desfile em continência. Contato com os novos professores, reencontro com os já conhecidos, e eis-nos em pleno período escolar, atendendo ao chamado dos livros.



ONZE DE JUNHO

O Onze de Junho foi comemorado com tôdas as pompas. Às sete horas, a alvorada pela Banda de Música do Colégio foi o prenúncio das atividades do dia. Após desfile garboso, foram homenageados os grandes marinheiros de Riachuelo, com discurso proferido pelo Sr. Ministro da

Marinha, através a ordem do dia, lida perante todo o Colégio formado. Obedecendo ao que se realiza todos os anos no dia de Riachuelo, a Escola Pública da Cidade de Angra dos Reis ofereceu brilhante número de ginástica, apresentado por suas alunas, dirigidas pelo Professor Brasileiro.

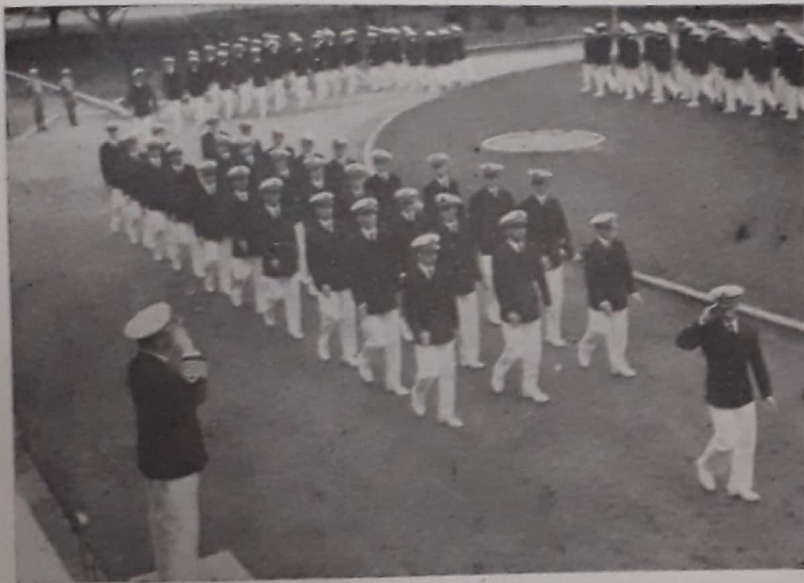




Ainda seguida a programação feita para o dia 11 de junho, realizou-se no Ginásio sessão solene, presidida pelo Sr. Diretor, Capitão de Mar e Guerra Jurandir da Costa Muller de Campos, com discursos

alusivos à data, proferidos pelos alunos Raul e Lucimar, onde exaltavam as magníficas qualidades patrióticas de todos quantos em Riachuelo souberam dignificar o nome do Brasil e da Marinha.

ONZE DE JUNHO



Poucos dias após, realizava-se uma regata de "snipes" à Riachuelo, precedida de interessantíssima eliminatória, da qual conseguiram colocar-se para as finais os patrões: Saldanha, Mello, D'Orsi e Tórres, secundados pelos proeiros: Paiva, Veiga Prado, Vieira e Basílio, respectivamente.

A guarnição vencedora compunha-se de Mello e Veiga Prado, tomando o segundo lugar a guarnição constituída de Saldanha e Paiva, que se houveram brilhantemente. Tórres e D'Orsi foram desclassificados por terem sido infelizes em montagens de bóias.



VISITA DO INSPETOR GERAL

Recebemos, também, durante o ano de 1957, visita do Sr. Inspetor Geral do Pessoal que passou em revista o Colégio e suas instalações.

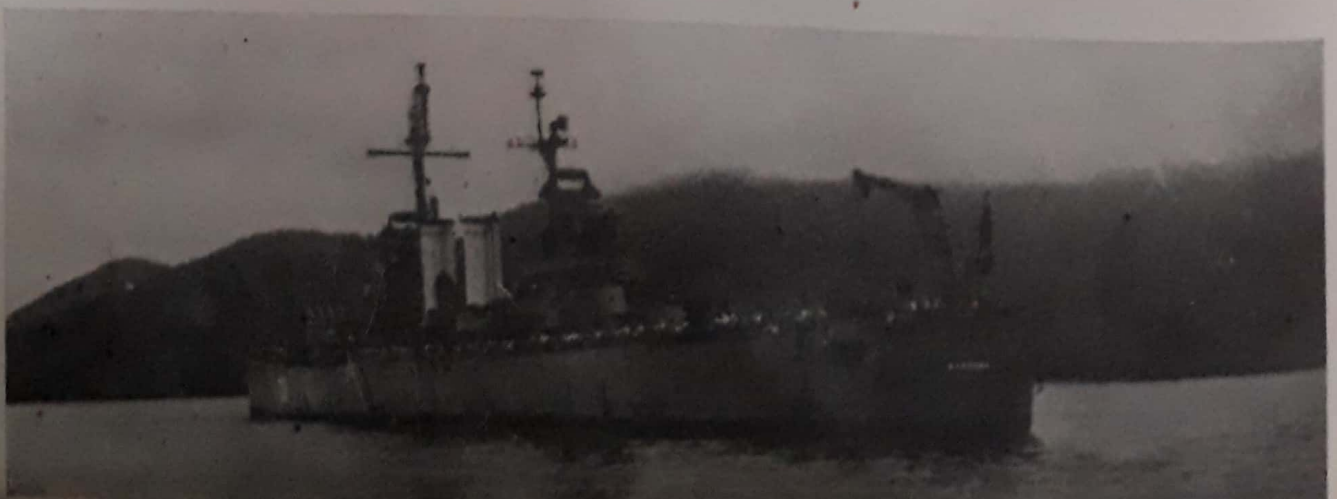
SEGUE

DIA DA BANDEIRA



Comemorou-se a 19 de novembro o dia da Bandeira, em cumprimento à tradicional data do estandarte brasileiro.

VISITA AO BARROSO



VISITA DO AMÉRICA F. C.

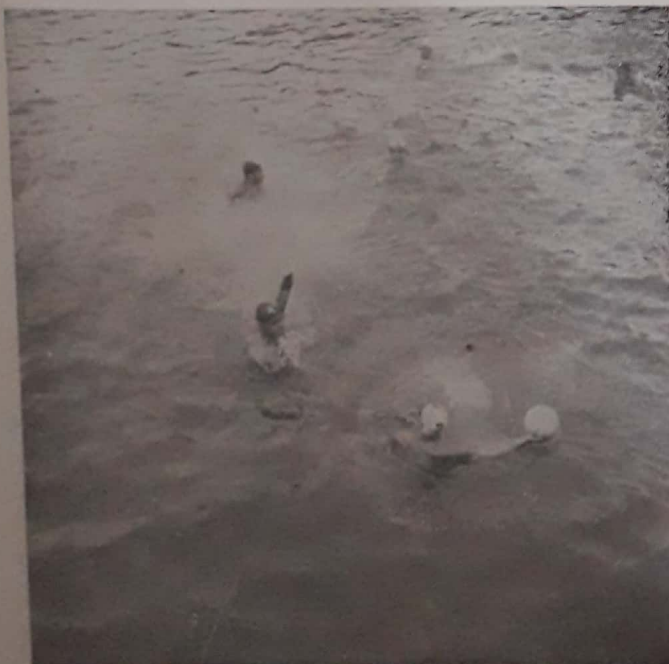


No transcurso do ano de 1957, tivemos oportunidade de disputar vários amistosos com o América Futebol Clube. Vôlei, Basquete e Futebol de Salão, as modalidades de esporte. Após os jogos, que contribuíam para estreitar os laços de amizade e para o conagraçamento da mocidade do Colégio com a de Campos Sales, realizava-se o "Baile do Ancorote Rubro" que tornava-se tradicional, quando a brevidade dos licenciamentos e dificuldades financeiras nos vieram roubar o prazer desses encontros.



VISITA DO FLUMINENSE

Em meados do ano, recebemos a visita dos atletas tricolores. Levamos a melhor no vôlei e no basquete, tendo cedido os louros da vitória em polo-aquático aos visitantes, que, em momento algum deixaram declinar o elevado espírito de desportividade de que vieram imbuídos.



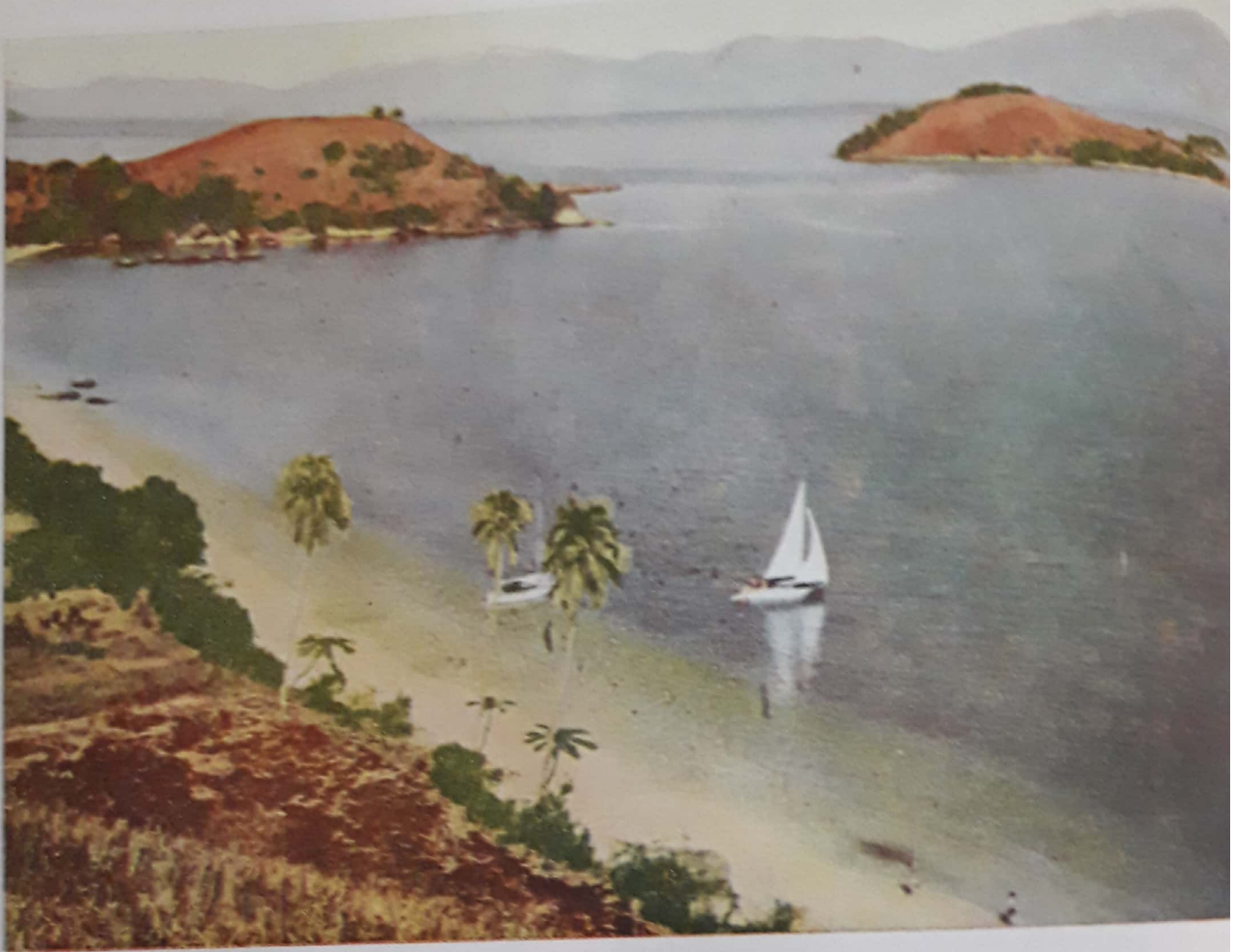
FESTA JUNINA

(Ver página 55)



NOVA DIRETORIA DO GRÊMIO



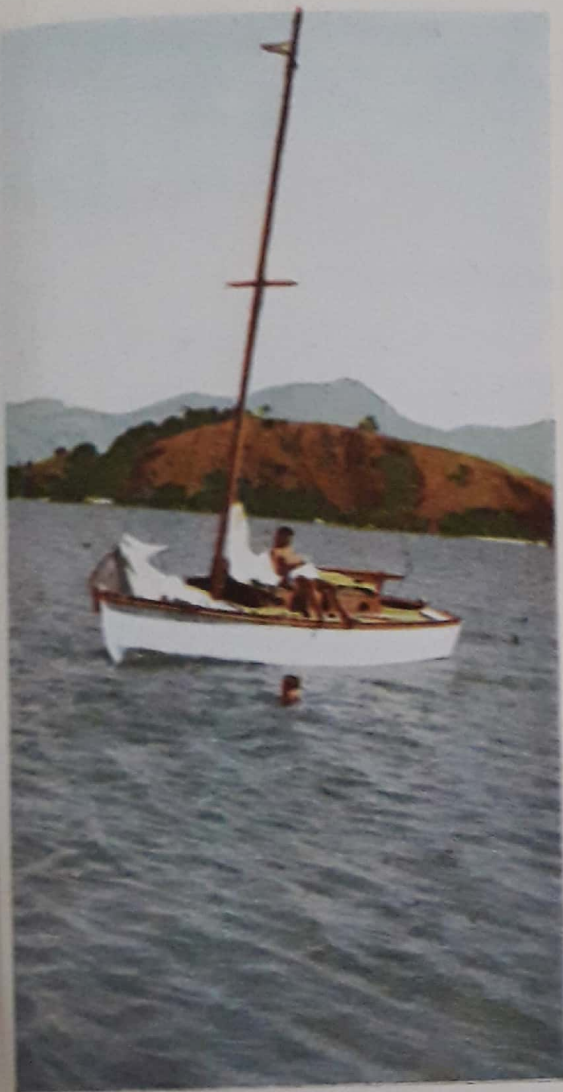


Passeio a JACUECANGA

Sábado e domingo são sempre ansiosamente aguardados pelos amantes do esporte da vela; proporcionam-nos momentos de contato com o mar e com o vento, conduzindo-nos a agradáveis passeios através a beleza incontestável de que Deus dotou os recantos próximos ao Colégio; a ilha da Jipóia e suas praias encantadoras, atraindo todos quantos visitam Angra dos Reis; Cataguases, Bonfim, enchendo de riqueza o quadro natural das ilhas verdejantes. Jacuecanga, penetrando em praias vertiginosas o litoral semi-selvagem.

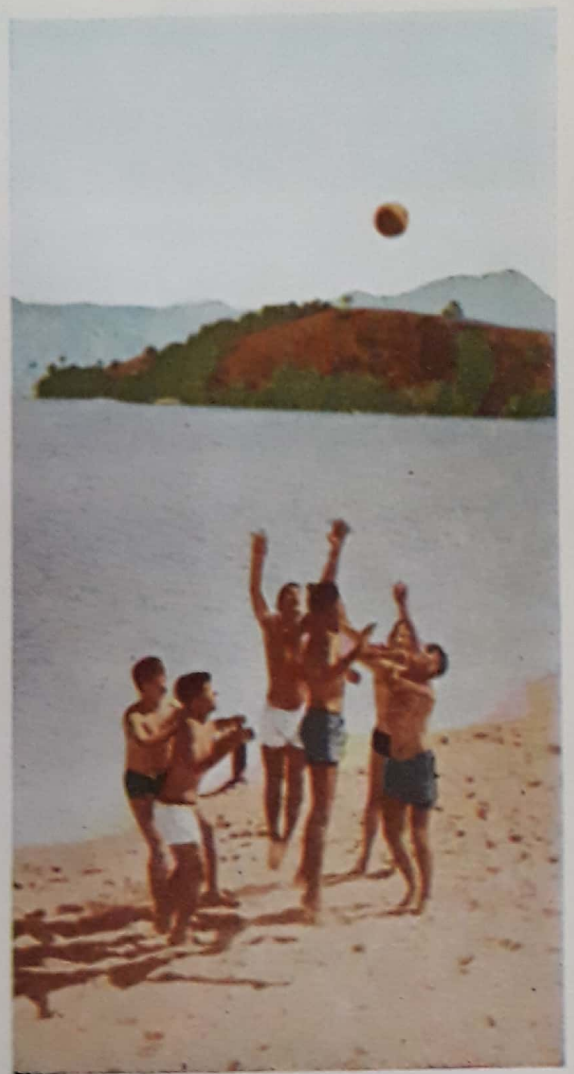
Durante toda a semana, de permeio com as horas do estudo, procuramos planejar uma noite dormida ao relento, ao sabor do mar, ou acompanhamento em alguma praia da baía. O Bravo, arranjadas as licenças, tratou de separar os "ranchos" das duas guarnições. O Mello consultava uma ou outra carta geográfica que versasse sobre o local escolhido para o desembarque e, ao soar do último toque de fim-de-aula do sábado, almoçamos às pressas e subimos aos alojamentos para os últimos retoques no material a ser levado, arranjos de última hora, roupas de frio, talvez um livro, alguns discos, vitrola portátil, etc.

Palamentação dos barcos, embarque do que se tornava preciso, e dentro em pouco estávamos entregues ao vento. De início, tudo transcorreu no mais perfeita calma e estabilidade, visto estar soprando um leve sudoeste quase ininterruptamente, levando-nos até além da Chupeta do Colombo. A partir daí, entretanto, raros eram os instantes em que tínhamos bom vento, o que culminou em calmaria com-



Mina terra tem primôres...

Tem areias muito brancas
de praias intermináveis...



TEXTO DE

LUCIMAR

FOTOS DE

RONALD GUIMARÃES

pleta. A superfície espelhada e tranquila das águas já nos momentos que precediam o crepúsculo, convidava-nos à contemplação. Os sons enternecidos de um violão cortaram a animada conversa — Rio... garôtas... saudade... êsses os temas do "papo" — o violão veio bem a tempo.

Mas o vento chegou e levou-nos a nosso destino; Jacuecanga, aprofundo para uma casa caiada de branco solitária na praia de areias também brancas, fundo verde de montanhas imponentes; ao chegarmos, entretanto, nada disso se via, visto que a noite cobrira-nos de sombra. O outro barco, fundeado a nosso contrabordo, tomou-nos de assalto com a irradiante alegria de que se revestira; Siqueira, na impagabilidade de suas piadas; Bravo acompanhava-o; Iberê levou vitrola; Mello divertia-se a seu modo...

O dia seguinte surpreendeu-nos sonolentos e cansados, mas a faina de desembarque na praia e alguns mergulhos cuidaram de reanimar-nos inteiramente.

Foi preparado um pequeno rancho que, após excursão pelos locais mais atraentes das proximidades, foi devidamente servido.

Houve jôgo na praia e banho de mar; pouco depois da metade do dia, estávamos de volta.

Inesquecíveis momentos...



Tem saudades, tem mistérios . .

Reminiscências

PASSEIO A JACUECANGA - CONCLUSÃO

*...e a tarde morrendo
no canto enfurnado
das pedras de sangue
de fogos dispersos,
no cálice exangue
desponta o gemido
do pranto partido
de todos os versos...*

LUCIMAR

Que no céu não acharás



*Nasci num fim de rua tortuosa
de uma aldeia pequena, de uma terra
diferente da terra de meu pai;
mas um rio cantava através dela,
e, nas águas do rio, as uíaras
embalavam meu bêrço pequenino
com essas canções da infância que o destino
já não deixara minha mãe cantar.*

*Não tive amas para adormecer-me
nem histórias de fadas benfazejas
para encher-me de sonho o sono leve;
mas os sinos da Igreja de Santana
rezavam para mim a ave-maria
num rosário de estrélas que brilhava
e o cruzeiro-do-sul abençoava
a orfandade deserta de meu sono.*

*Meu avô, um velhinho muito velho,
Fazia ainda mais velha a casa velha
De onde haviam partido quando eu vim.
Mas a paisagem verde das montanhas,
que era o meu universo de criança,
dava-me a clorofila da esperança
que pai e mãe não me puderam dar.*

*Foi assim que fiquei filho da terra
mais do que se meu pai também o fôra
ou do que vivo me ensinasse a amá-la:
ouvindo a ave-maria de Santana,
na quietude da aldeia pequenina,
também o bêrço se me fez macio
com as cantigas das uíaras lá no rio
e as bênçãos do cruzeiro lá no céu.*

GINCANA

LUCIMAR

RECREATIVA

A nossa vida em comum, a vida arrastada de todos os dias, submetidos às mesmas e monótonas passagens, exige de nossa imaginação um trabalho intenso de diversões, sem o qual seríamos muito menos dedicados às prementes necessidades dos estudos, e o tempo rolaria em águas semi-paradas. Coube ao Departamento Recreativo o plano e a iniciativa de uma Gincana, entrecheia de pitorescos momentos, de luta renhida pela vitória e cansaço profundo.

Conservando um espaço de tempo de dois minutos, as duplas saíam do portaló, dividir-se-iam no campo de esportes, cabendo a cada um dos competidores uma parcela de redobrados esforços e persistência invulgar nos diversos testes a que se submeteriam. Houve lançamento de pêso, subida na gávea, corrida de canadenses, rastejamento na praia, corrida de duzentos metros, etc.; findos os testes, a dupla apresentava-se à mesa e o cronometrista que a acompanhara adiantava o tempo do percurso.

Após luta de fôlego, apresentou melhor tempo a dupla Araújo Filho-Rezende, constituída aliás dos dois maiores atletas do Colégio Naval, candidatos ambos, por aquela época, ao cobiçado Prêmio Olímpico.



À saída, esperança de vitória. Levi e Andrade ensaiam os primeiros passos da Gincana, na luta contra o tempo. Levi subirá pelo cabo do Campo de Esportes e Andrade lançará o disco.

Segue

GINCANA RECREATIVA - CONCLUSÃO

Subir à gávea talvez seja fácil. Entretanto as primeiras barreiras, já o cansaço dominava todos os músculos. Após a gávea, haveria o concorrente que levar até à mesa de inspeção uma lata de areia. Colocaria linha, numa agulha, mergulharia da ponte e embarcaria na canadense que por certo já se encontrava à espera, trazida pelo seu companheiro. Remariam até próximo à praia, onde um deles, olhos vendados, quebraria um disco a pá de remo.



Recolocar a canadense e a lata, eis o que antecederia cem metros de nado. Aguiar e Medina apressam-se.



Após os cem metros, a última etapa da Gincana apresentou especial colorido, mostras de persistência e denôdo. Taveira e Basílio, gastando as últimas energias, aproximam-se da linha de chegada.



Atravessando a meta de chegada, os heróis da jornada totalmente combatidos pelo esforço, ufanam-se de uma proeza que só repetirão mais tarde, quando a relatarem aos netos.



E as fotos colaborarão na assertiva.

ABSURDO...

Nasceste! para um mundo em que as sombras se encontram nas esquinas e vagueiam sob lampiões...

Nasceste para oormaço das noites viciadas e corrompidas, em visões de carne feita chama e espírito materializado em pó!

Nasceste para um mundo concreto de visões abstratas e impuras, mais impuras que a inexprimível mistura de sonhos de um sodômico; para o pranto quebrado dos violões dos bancos de praça, em murmúrios acalentando estrêlas... e para a vida dos párias da eternidade, vagolumes de noite sem lua!

Nasceste!

Teus pequeninos olhos, muito negros, brilharam na semi-inconsciência de um bêbado. Rolaram pelas paredes nuas do quarto da velha casa e romperam o silêncio de tua alma selvagem...

... não imagino que sentiste naquele momento! gostaria de sabê-lo!... Não imagino o espanto de tua alma evoluída, que veio de Deus, do Infinito de Deus, do Mistério de Deus, e chega enfim ao estágio mais infimo e absurdo, mais tétrico e alarmante... ao estágio dos lampiões azedos e velhuscos, repiscando chamas inconscientes no parvismo rasteiro da vida... estágio das esquinas e dos violões, malandros e poetas, cansados de tudo! estágio dos vícios consumidos na degradante escada que não admite subida!

... não imagino o espanto de tua alma, acostumada aos sem-fins do Infinito, gradejada entre quatro paredes!

E, no entanto, os anos correrão sempre... sem descanso... e jamais te lembrarás daquele momento de profunda decepção, de terrível incompreensão e desespero,

por que passaste
quando
nasceste...



FRAGMENTOS...

Lucimat



Quando você chegou, esqueci o passado
e pensei no futuro:
arranquei da lembrança algumas sombras fátuas
que ainda bailavam
inquieta...
sombrias ingênuas...
e ocupei-a de pequeninas flôres,
muito vivas...
... como o seu sorriso...



Sentamos, sòzinhos
e alheios ao mundo, eu e o silêncio;
e estivemos conversando muito,
horas e horas conversando,
com o vento que soprava nas cortinas de meu quarto...
...sôbre você...



E vi meus dedos
perdidos nos seus dedos
em estranho silêncio...
na cadência muda do silêncio
de meus dedos e de seus dedos...



E vi seus olhos, muito vagos,
no mais profundo de meus olhos...
— Não me olhe assim...
... eu sofro muito
na intimidade de sua triteza...



quando eu morrer,
que minh'alma ocupe
o mais puro dos lírios
para ornar o jardim
de sua eterna saudade...

A AMIZADE, A VELHA CONHECIDA

LUCIMAR

Rebuscando um velho caderno amarelado e rôto, sepultado sob a poeira do tempo e do esquecimento, numa de suas fôlhas maltrapilhas meus olhos depararam com algumas palavras amontoadas que diziam de amizade, palavras simples e despidas de forma, mas dotadas de imensa e sincera expressão.

Observei algum tempo e perdi-me no passado. Fitando a vidraça salpicada de chuva, meus olhos caíram muito longe, numa embaciada mistura de vultos e vozes, a princípio desconexas, mas que adquiriam pouco a pouco forma e dimensão.

... Diziam-se meus amigos. Sorriam-me prazerosos e felizes, acompanhavam-me no regresso à casa, visitavam-me aos domingos. Saíamos ao cinema, brincávamos no parque...

Hoje, distantes, nem me recordo de seus nomes... se Paulo ou Henrique, Sérgio ou Francisco... Eram como eu... calças curtas, iniciantes na longa caminhada. Conheceram-se na época despreocupada dos balões das festas juninas e das missas na capela do Colégio. Desfrutavam de minhas alegrias, brincadeiras e despreocupações. Não conhecíamos lágrimas, nem castelos despeitos, nem sonhos ceifados pela vida. Sabíamos, sim, que havia um parque onde às tardes de sol dispúnhamos de algum tempo de alegria indescritível, e que, aos domingos, após a missa, os que não jogavam futebol andavam de bicicleta no pátio. Irmão Pedro nos reunia e levava-nos aos campos cheios de árvores frutíferas do sítio de Irmão Antônio. Eram todos meus amigos... Sim, amigos, porque objetos de alegria, porque máquinas de sorrisos...

Mas tudo isso ficou num passado de rosas sem espinho, de campos verdejantes espalhados e gôtas de luz... Tudo isso ficou sepultado numa daquelas covas de minha alma, na mudez do esquecimento. Eu, de bom grado, chamaria meu velocípede de Paulo, meu tambor de Francisco. Conversaria com eles tardes inteiras, contando histórias maravilhosas de anões e de fadas, na incontida sa-

tisfação de minha infância. Apresentá-los-ia aos outros companheiros e sairíamos todos a passeio, formados a dois, irradiando sol e vida pelas calçadas do bairro. Mas o velocípede partiu a roda trazeira e tive de jogá-lo ao quarto dos imprestáveis. Pouco mais, e aborrecia-me da presença impertinente do tambor. Vinham sempre outros...

O tempo carregou-se em suas costas lanhadas a situações diversas, a lugares distantes...

Passados alguns anos, vi-me repentinamente diante de uma multidão de desconhecidos, já rapazes como eu, espalhados pelo convés de um pequeno navio, rumando em direção ao Colégio Naval. Olhávamo-nos todos de revés, desconfiados e temerosos, na incerteza de um futuro que seria de lutas.

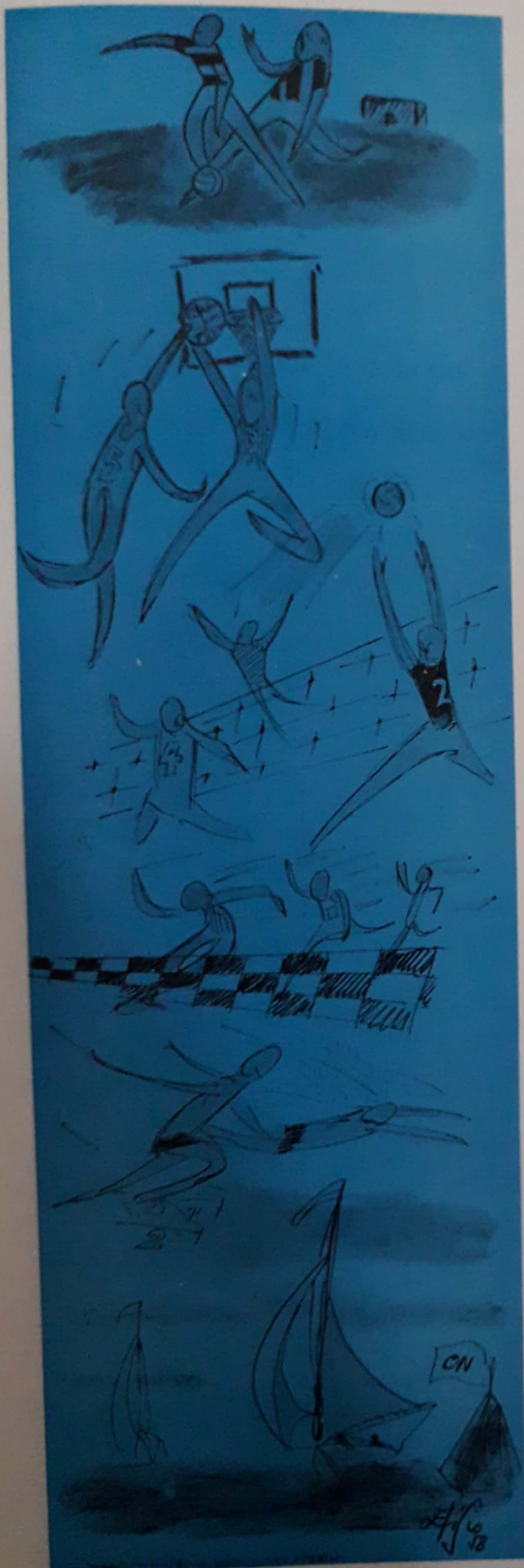
Compreendíamos agora o porque dos espinhos engastados nas roseiras; sabíamos que todos nos envolveríamos naquele clima das sociedades: companheiros de trabalho; muitos, apenas colegas; alguns, inimigos; mas amigos também... Poucos, bem verdade, os que nos socorreriam na amargura, em detrimento da própria segurança; poucos os que atenderiam ao nosso apêlo nas horas cruciantes do destêrro e da incompreensão; poucos os que nos amparariam desinteressados e cheios de bondade quando quase todos nos olhassem reprovatoriamente; mas amigos, na mais pura e desprendida acepção, no mais rico e esplendoroso fulgor.

Não eram sonhos infundados. Dois anos transcorreram, e eis-nos vitoriosos na luta contra o egoísmo. Sabemos que teremos gravadas em nossos corações as lembranças dos verdadeiros amigos; poderemos, pelas contingências da vida, se distantes, esquecer alguma de suas particulares...

Mas haverá um dia em que, num pequeno bar de esquina, sentiremos duas palmadinhas nas costas e um caloroso e profundo abraço daquela figurinha esguia e familiar, olhos vivos de entusiasmo: a Amizade, nossa velha conhecida...



Aluno *Rezende*, nas competições do *Troféu Eficiência de 1957* destacou-se como o *Atleta mais perfeito*.



TROFÉU

Nasceu o Esporte com o Mundo. Pela Pré-História, Antiguidade, Idade Média, enfim, até os nossos dias, ele tem sido praticado com as mesmas finalidades: dar recreação ao Espírito, exercitar a Vontade, disciplinar a Mente e emprestar beleza pujante ao Corpo. A perfeição humana é alcançada quando se consegue casar u'a "mente sã com um corpo sã".

Os alunos do CN, *pari passu com* a educação intelectual que recebem, procuram seguir os princípios do bom desportista e, com esse objetivo, realiza-se anualmente uma competição entre as companhias do Corpo de Alunos; a essa denominamos **TROFÉU EFICIÊNCIA**. Os que nela tomam parte aprendem que — numa competição esportiva — o essencial não é Vencer, é Competir !

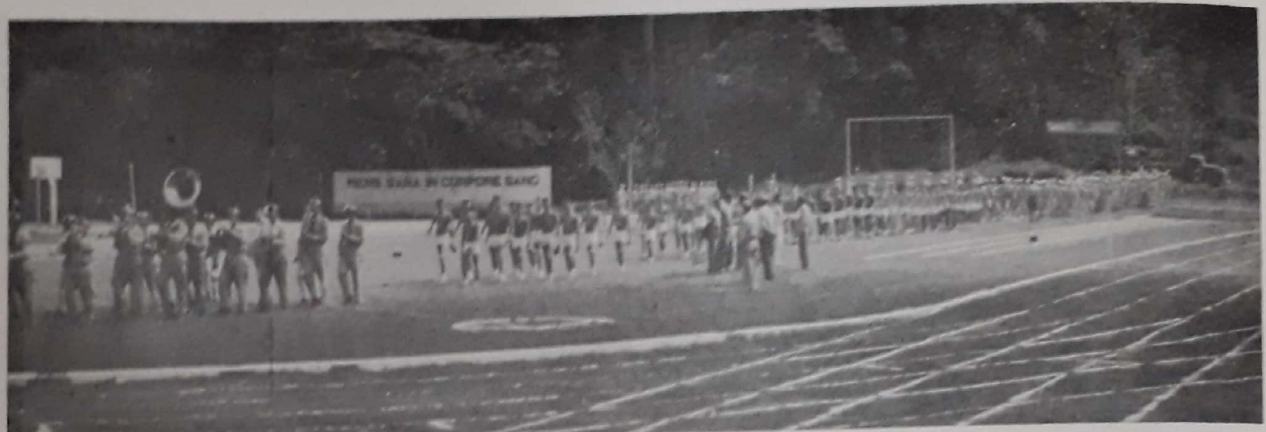
EFICIÊNCIA

TEXTO DE

Aguar

FOTOS DE

Ronald Guimarães



ATLETISMO

Durante todo o ano poder-se-ia ver o campo de atletismo tomado por alunos exercitando-se nas diversas provas do esporte-base, para a competição final do Troféu Eficiência.

Confirmando o seu favoritismo, venceu a 3.^a Cia., secundando-a a 1.^a As provas se revestiram de grande brilho, quer pela fibra e arrojos mostrados a cada instante, quer pela numerosa assistência, que veio ver as competições que encerram — com chave de ouro — o calendário esportivo dos alunos do CN.

SALTO EM DISTÂNCIA



- 1.^o: Mário Monteiro 6,00m
- 2.^o: Vieira
- 3.^o: Correia Neto





SALTO TRÍPLICE

- 1.º: Abud 11,97m
- 2.º: Mário Monteiro
- 3.º: Vieira



SALTO EM ALTURA

- 1.º: Medina 1,55m
- 2.º: Rogério Lafayette
- 3.º: Ramos Silva

LANÇAMENTO DE PÊSO

- 1.º: Rezende 15,03m
- 2.º: Teixeira Mendes
- 3.º: Hermann



REVEZAMENTO 4x100

- Iº — 1.º: Levi 50",40m
- 2.º: Rezende
- 3.º: Correia Neto
- 4.º: Mário Monteiro

- IIº — 1.º: Mártire
- 2.º: Assumpção
- 3.º: Salomão
- 4.º: Henrique



100 METROS RASOS

| | | |
|------|---------|--------|
| 1.º: | Hermes | 11", 9 |
| 2.º: | Adauto | |
| 3.º: | Andrade | |



200 METROS RASOS

| | | |
|------|----------------|--------|
| 1.º: | Adauto | 25", 2 |
| 2.º: | Hermes | |
| 3.º: | Mário Monteiro | |



400 METROS RASOS

| | | |
|------|--------------|--------|
| 1.º: | Hermes | 57", 5 |
| 2.º: | Levy | |
| 3.º: | Araújo Filho | |

800 METROS RASOS

| | | |
|------|--------------|---------|
| 1.º: | Levy | 2', 23" |
| 2.º: | Araújo Filho | |
| 3.º: | Poggi | |

LANÇAMENTO DO DARDO

| | | |
|------|--------------|--------|
| 1.º: | Rezende | 49,62m |
| 2.º: | Costanza | |
| 3.º: | Sérgio Silva | |



LANÇAMENTO DO DISCO

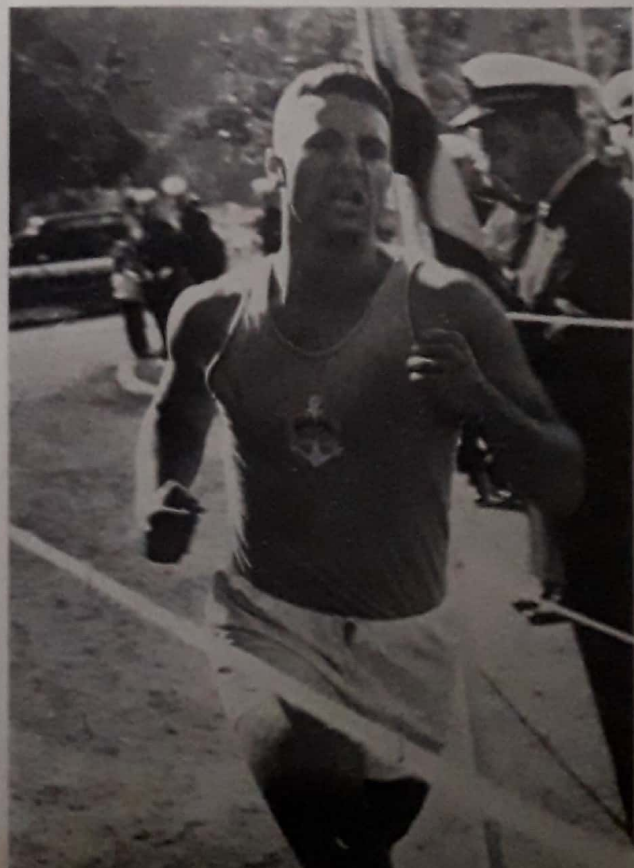
| | | |
|------|----------|--------|
| 1.º: | Rezende | 46,40m |
| 2.º: | Costanza | |
| 3.º: | Dácio | |

RÚSTICA PEDESTRE

Uma das provas mais duras do calendário esportivo do Colégio, exigindo um aprimorado preparo físico; durante o percurso pode-se notar, pela fisionomia dos corredores, o esforço hercúleo feito para atingir a meta final. Travou-se — este ano — uma espetacular pugna pelas primeiras colocações, que finalizou com a seguinte disposição:

| | | |
|-------|------------------|---------|
| 1.º: | Rezende | 8m54,7s |
| 2.º: | Araújo Filho | |
| 3.º: | Poggi | |
| 4.º: | Kasniakowski | |
| 5.º: | Levy Filho | |
| 6.º: | Carlos Guimarães | |
| 7.º: | Bravo | |
| 8.º: | Rangel | |
| 9.º: | Tubino | |
| 10.º: | Batista | |

No cômputo geral sagrou-se campeão a equipe da 1.ª Cia.



JOGOS DE SALÃO

Reaparelhado o salão de recreio, grande foi o número dos que começaram a procurar nos Jogos de Salão um divertimento para as horas de recreação; isso motivou um brilho invulgar nesses jogos, onde as revelações nos diversos, foram inúmeras.

Os vencedores foram os seguintes, nas diversas provas:

XADRÊS

Campeão: Domingues
Vice : Amora



SINUCA SIMPLES

Campeão: Rezende
Vice : Torres

IDEM DUPLAS

Campeão: Lourenço - Rezende
Vice : Torres - Soares

DAMA

Campeão: Waldeck
Vice : Xavier

TÊNIS DE MESA SIMPLES

Campeão: Hermes
Vice : Moniz Ribeiro

IDEM DUPLAS

Campeão: Carneiro - Leal de Azevedo
Vice : Moniz - Ribeiro - Hermes

VELA

Grande foi o sucesso alcançado pelas três regatas realizadas pelo Departamento de Remo e Vela, cumprindo as exigências do calendário esportivo.

Segue

Com a aquisição de uma flotilha de barcos da classe "snipe" e com o reaparelhamento das embarcações que constituem a classe "guanabara", o esporte veleiro tomou um grande impulso atraindo inúmeros adeptos.

Na classe "snipe" foi vencedora a 5.ª Cia., ficando a 2.ª lugar com a 1.ª Cia.

Quarteto Vencedora :

Adriano, Barbosa, d'Orsi, Torres, Costanzo.

No regata de escaleres a 4.ª Cia., obteve o 1.º lugar, vindo logo após a 2.ª Cia.

Equipe Campeã :

Mello, Pires, Saldanha, Picozzi, Dácio, Jorge Lopes.

NATAÇÃO

Contrastando com o ano anterior, o campeonato de natação desenrolou-se de maneira emocionante, servindo para a revelação de novos valores da nossa aquática. Realizadas as provas, computados os pontos, obteve o título de campeã a equipe da 1.ª Cia., vindo em seguida a 3.ª Cia. As provas foram as seguintes:

100m LIVRES

- 1.º: Araújo Filho (1'04",8)
- 2.º: Teixeira (1'05",6)
- 3.º: França (1'10",0)

100m DE PEITO

- 1.º: Araújo Filho (1'21",6)
- 2.º: Mário (1'30",1)
- 3.º: Baumeier (1'33",0)

100m COSTA

- 1.º: França (1'13",0)
- 2.º: Peryassu (1'18",8)
- 3.º: Kazniakowski (1'26",1)

**REVEZAMENTO 3x100m
3 ESTILOS**

- 1.º { Kazniakowski
Flávio (3'55",5)
Araújo
- 2.º { França
Camargo (4'22",0)
Medina

**REVEZAMENTO 4x200m
LIVRE**

- 1.º { Inemar
Destri (12'12",5)
Peryassu
Kazniakowski
- 2.º { Prado
Bravo (12'16",8)
Teixeira
Márcio



RÚSTICA NATATÓRIA

- 1.º: Araújo Filho
- 2.º: Kazniakowski
- 3.º: França
- 4.º: Peryassu
- 5.º: Teixeira
- 6.º: Baumeier
- 7.º: Bravo
- 8.º: Prado
- 9.º: Inemar
- 10.º: Flávio

Vencedora por equipe: 1.ª Cia.
2.º lugar : 2.ª Cia

POLO AQUÁTICO

Esporte novo que rapidamente vai ganhando novos adeptos e atraindo um número sempre crescente de admiradores. Este ano diferindo dos anteriores, esse campeonato foi realizado pelo sistema eliminatório.

Sagrou-se campeã a equipe da 1.ª Cia., após vencer a partida decisiva que travou com a 2.ª Cia., vice-campeã do certame.

Equipe campeã: Araújo Filho, Kazniakowski, Hermann, Percival, Bittencourt, Braga, Flávio, Vieira, Salvatore e Amora.

VOLIBOL

Brilhante trajetória teve a equipe da 5.^a Cia., conquanto fôsse a favorita, vencendo todos os adversários, sagrando-se campeã invicta. Renhidas pejejas foram necessárias para a disputa do 2.^o lugar, sagrando-se vice-campeão o sexteto da 1.^a Companhia.

Equipe Vencedora: Aragão, D'Anaquim, Veiga Prado, Goulart, Afonso, Rezende, Keating, Sadock, Souza Gomes.



FUTEBOL

Embora favorita a 3.^a Companhia, graças ao ardor com que se empenhou durante todo o tempo das pejejas travadas, a 5.^a Cia., foi a campeã. Uma equipe que primou pelo trabalho em conjunto, mostrando o erro do individualismo no esporte bretão.

Após renhida contenda com a 4.^a Cia., a 2.^a Cia., levantou o vice-campeonato.

Time campeão: Rezende, Veiga Prado, Ramos Silva, Lameiro, Américo, Aragão Miranda, Levy Filho, Mário Monteiro, Costanza, D'Anaquim, Zenha, Garcez e Mário Antônio.



BASQUETE

Esporte bem difundido e desenvolvido entre os alunos do CN, razão porque era grande o afluxo de torcedores aos locais das contendas, para vibrarem por suas Companhias.

Com uma equipe bastante homogênea, sagrou-se campeã a 1.^a Cia., ficando a 3.^a Cia., com o 2.^o lugar.

Equipe Campeã: Lafayette, Tubino, Ednilo Araújo Filho, Poggi, Kasniakowski, Gadelha, Abraham, Veloso e Braga.



JU-JITSU

A aquisição de um ringue deu novo alento ao esporte nipônico, já tão difundido entre os alunos, o que se pode atestar pela grande ocorrência de alunos ao tablado, a fim de aprimorarem sua técnica.

Foram dois os finalistas das chaves do campeonato dêste ano: Araújo Filho e Santângelo; na luta decisiva, a experiência do segundo sobrepujou a fôrça e bravura do primeiro, sagrando-se assim campeã a 4.^a Cia. e vice-campeã a 1.^a Cia.

FUTEBOL DE SALÃO

Sòmente há dois anos foi oficializado como modalidade esportiva do Troféu Eficiência; contudo, isso não impediu que o

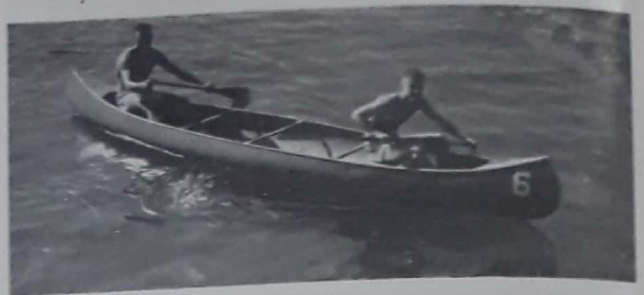
Continua



campeonato se revestisse de grande brilho, com cada jogador mostrando o máximo de suas qualidades técnicas. Contrariando o favoritismo da 3.ª Cia., que foi a vice-campeã, venceu a equipe da 1.ª Cia., que alinhou com:

Prado Maia, Aécio, Abraham, Tourinho, Araújo, Berenger, Sérgio Silva, Flávio, Poerner e Poggi.

TROFÉU EFICIÊNCIA



TIRO

Mesmo com algumas deficiências técnicas foi realizado com brilho o campeonato de Tiro, vencido pela 5.ª Cia., seguida pela 2.ª Cia.

Foram vencedores:

| | | |
|--------------------|---|---------------|
| Arma: carabina | { | 1.º: Alcides |
| | { | 2.º: Poggi |
| Arma: pistola Colt | { | 1.º: Chaves |
| | { | 2.º: Schrader |

TÊNIS

O "esporte branco" este ano encontrou ótima aceitação por parte dos alunos conforme atestava a grande afluência destes para quadra. Talvez tenha sido isso que motivou o grande brilho com que se desenrolou o certame, onde na classe "simples", laureou-se a 2.ª Cia., seguida pela 5.ª Cia.

Campeão: Prado
Vice : Rezende

Na classe "duplas" os louros da vitória couberam à 5.ª Cia., ficando com a 1.ª Cia., o segundo lugar.

Dupla campeã: Rezende - Torres



REMO

Embora somente em julho fôsse realizada a regata de escaleres a remo, desde maio poder-se-ia ver o intenso treinamento a que estavam submetidas as guarnições.

Graças a um ótimo trabalho de conjunto sagrou-se a guarnição da 5.ª Cia., ficando a 2.ª Cia. com o segundo lugar.

Guarnição vencedora: Adriano, Barbosa, Rezende, Castanza, Alcides, Souza Gomes, Basilio, Knaack, Lameiro, Álvaro, Penoni.



FINAL

VOLTA DE LICENCIAMENTO

Despertei com o ruído da chuva que fustivagava as vidraças de meu quarto. Entorpecido ainda pelo sono, caminhei trôpegamente até à janela. Lá fora, grossas nuvens envolviam os cumes dos morros circunvizinhos. As ruas, molhadas, eram pisadas em tôdas as direções pelos passos das pessoas abrigadas na intimidade de seus guarda-chuvas. Olhei para o relógio: dez horas. Já é tempo de me preparar.

Meio-dia. Encontro-me à porta despedindo-me do pessoal. Últimas recomendações e cuidados de mãe, para quem somos sempre desprotegidos e pequenos. Um beijo na testa, um adeus, e eis-me na rua. Aquela chuva violenta e torrencial fôra substituída por um chuvejar impertinente e preguiçoso. Perdido entre uma floresta de guarda-chuva e abrigos, cheguei à estação. Lá dentro, o povo regurgitava. Depois de alguns dias de separação, revia meus amigos. Os mesmos semblantes, os mesmos sorrisos tristonhos, esquecidos em lábios inexpressivos. Todos tentam sorrir. Choram.

Volta, a eterna volta. Voltas existem, verdadeiras idas. Volta ao colégio. Volta ao estudo. Provas. Notas baixas. Melancolia. Decepções. Volta à antiga tristeza, à saudade, àquele sentimento que nasce lá no fundo d'alma e vem crescendo... impetuoso... afogando-nos naquele oceano de suaves lembranças... naquele pasmo... sim, porque só acreditamos na volta quando realmente voltamos...

Tarda. Parece que ela não vem. Também, com êsse trânsito... Mas não, ei-la que chega. Apressada, nervosa, espargindo agitadamente da roupa algumas gôtas, que, relutantes, quedavam-se prêsas ao tecido. Ao puxar o capuz, num gesto airoso, deixou saltar de dentro dêle, como num passe de mágica, sua rica e estouvada cabeleira loura. Conversamos sôbre coisas fúteis. Banalidades. Não consegui disfarçar aquêle grande constrangimento que me sufocava tôdas as palavras. Também ela sentia-se embaraçada. Ia embora. Ia deixá-la. Acabaram-se os beijos, as carícias.

— Você me escreve?

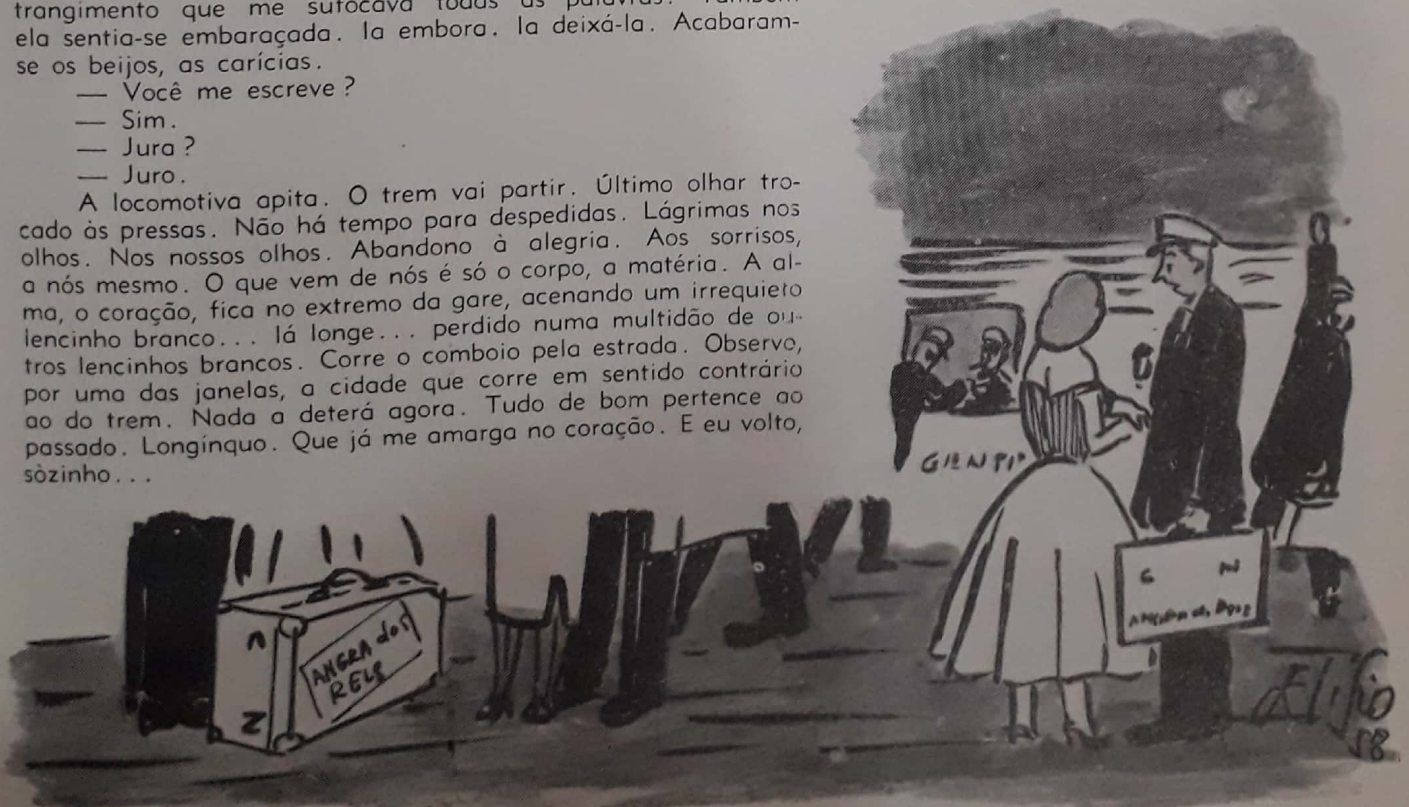
— Sim.

— Jura?

— Juro.

A locomotiva apita. O trem vai partir. Último olhar trocado às pressas. Não há tempo para despedidas. Lágrimas nos olhos. Nos nossos olhos. Abandono à alegria. Aos sorrisos, a nós mesmo. O que vem de nós é só o corpo, a matéria. A alma, o coração, fica no extremo da gare, acenando um irrequieto lencinho branco... lá longe... perdido numa multidão de outros lencinhos brancos. Corre o comboio pela estrada. Observe, por uma das janelas, a cidade que corre em sentido contrário ao do trem. Nada a deterá agora. Tudo de bom pertence ao passado. Longínquo. Que já me amarga no coração. E eu volto, sôzinho...

RONALD GUIMARÃES



Quando a noite chega,

o silêncio acompanha a quietude das águas...

fotografias de Ronald Guimarães
reportagem de Lucimar

Primeira Regata de "Snipes" Entre Companhias

Com a chegada ao Colégio de seis barcos classe "Snipe", primeiros do tipo a serem adquiridos, o Conselho de Patrões do Departamento de Remo e Vela, organizou um programa de regatas. A primeira destas, se realizou debaixo do critério de Companhias, isto é, dois representantes de cada Companhia, tendo lugar num dia de muito sol já quase ao cair da tarde.

Alinhados os barcos na linha entre a Tapera e a Ilha Francisca, pudemos observar, já de saída, os mais emocionantes momentos de entusiasmo e vontade de vencer. Se por um lado as guarnições do Barnabé, do Melo e do Iberê demonstravam técnica invulgar, por outro a do Adriano, debaixo do peso de sua experiência e denôdo, partia segura e valente, acompanhada de perto pela do Kazniakowski.

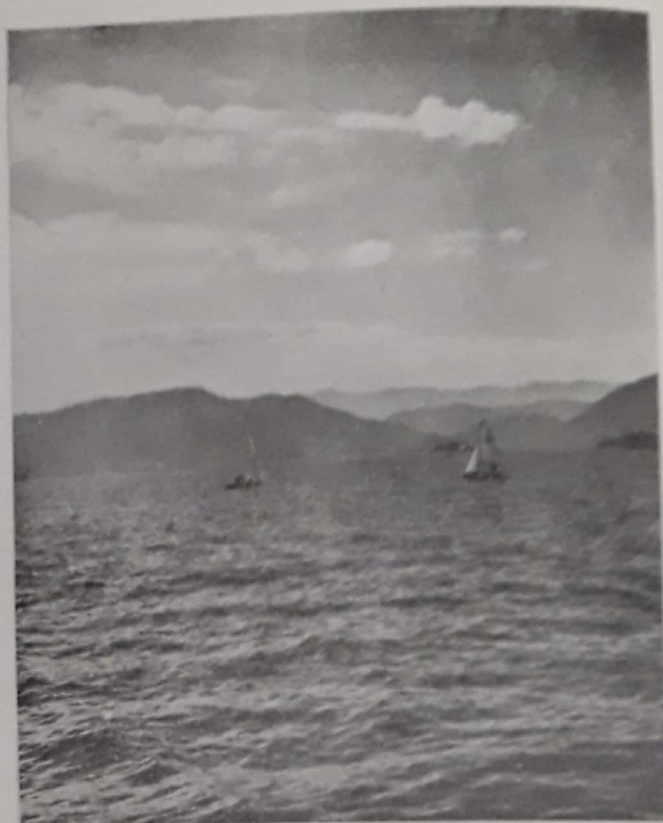
Passados os instantes da saída, por assim dizer de reconhecimento, de "tête-à-tête" com o vento e o mar, os concorrentes iniciaram a luta por melhor barlavento ou pela ponta. Adriano revezava a primeira colocação com o Melo, seguidos sempre pelos outros que em momento algum da regata deram tréguas.

● Muito vento, muita luz, muito entusiasmo . . .

Segue

Primeira Regata de "Snips"
Entre Companhias * continuação

Brisa marinha com tripulante...

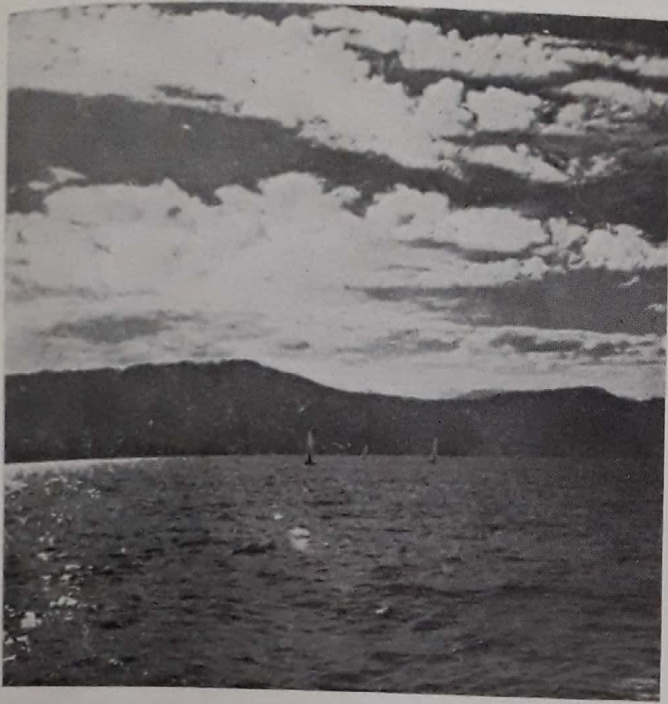


Contornada a bóia, o rumo é a vitória...



Riscos de giz no céu. - Velas distantes.





Primeira Regata de "Snips"
Entre Companhias ★ continuação

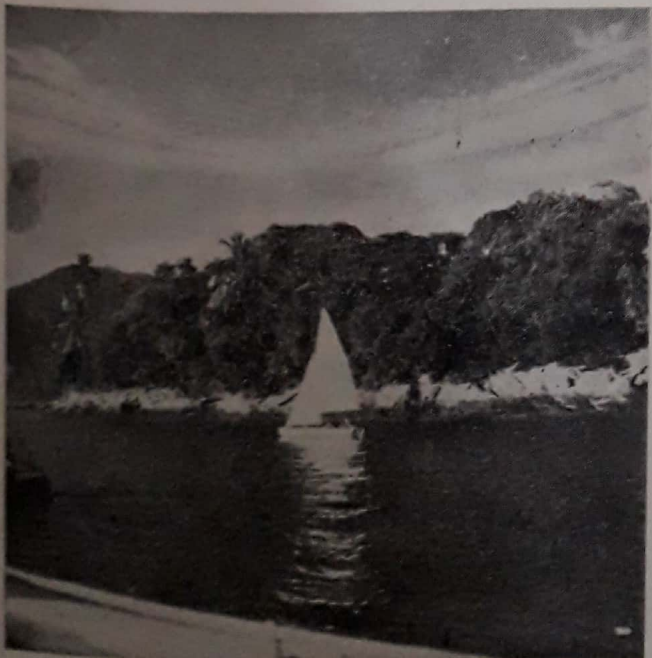
Beleza nômade.



Verdes montanhas imponentes observam...

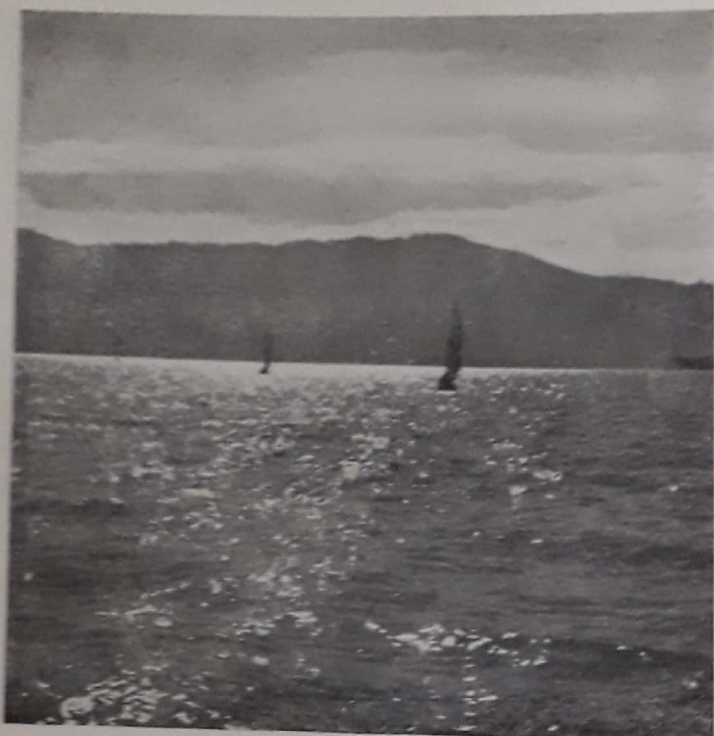


O vento encrespa o mar e alegra as velas.

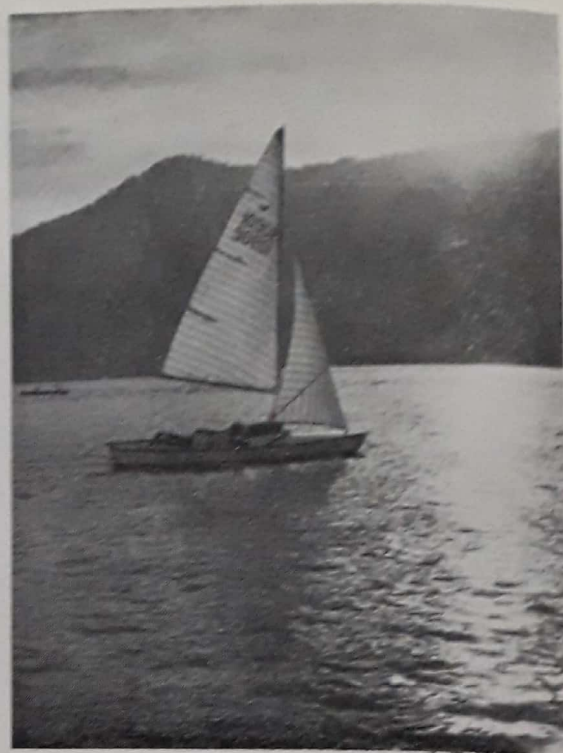


As árvores saúdam a chegada do barco vencedor

segue



Dois traços de sombra no reflexo do poente.



O sol se despede... A penumbra convida à indolência.

Primeira Regata de "Snipes"
Entre Companhias ★ final ★

Depois, foi o que vimos: Adriano em primeiro, em segundo Melo. As guarnições campeã e vice-campeã, respectivamente da quinta e da quarta companhias, foram as seguintes:

Campeões: Adriano e Barbosa
Vice-campeões: Melo e Pires

E assim, debaixo de uma Natureza engalanada e pródiga de luz, ocorreu a primeira regata de "Snipes" no Colégio Naval, primeira de um sem número delas que vieram dar às águas calmas da baía um colorido especial e festivo.



VELHO BARCO

O D A M I L

*Sob as frondes de um alto cajueiro,
Jaz um remoto barco abandonado.
Deixou-o ali talvez algum barqueiro
Que se sentiu do mesmo já cansado.*

*Outrora foi veloz, doido, ligeiro;
Jamais temeu cortar o mar irado;
E, quando ali, passa hoje um caminheiro,
Talvez nem veja o pobre desgraçado.*

*Quanta gente também que o tempo rude
Em sua marcha fúnebre envelhece!
E ninguém há que o seu trajeto mude!*

*A ingratidão do povo já lhe esquece
Como êsse barco na senectude
Cheio de mágoa e de aflição padece.*

UM NOME

P R A D O M A I A

*Êste mal secreto que me faz sofrer,
Esta dor que me punge a alma,
Tudo tem um motivo: um nome
Tudo tem um porquê: amor.*

*Amor... esta palavra estranha
Que para mim não existe;
Isto porque e só porque
Vivo a pensar e a sonhar...
Um nome, o dela, — você...*

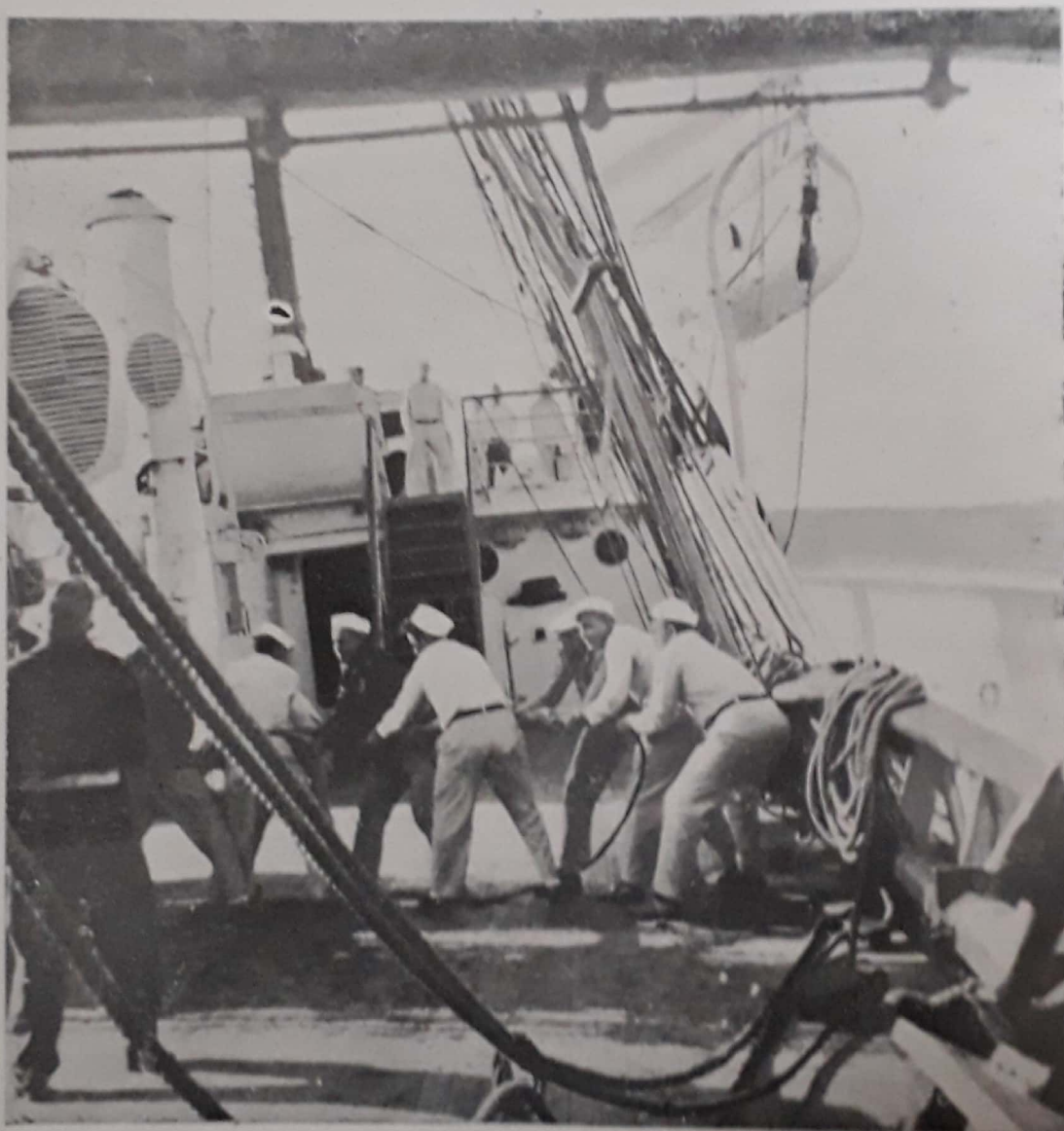
ANGRA - SANTOS - RIO

Viagem de Instrução - Primeiro Deslocamento

REPORTAGEM DE ELPIO

★ ★ ★

FOTOS DE BULLATY



lçando panos



● Exercício de tiro real. Alvo: uma garrafa vazia



● Aula de tiro

● Ganhando barlavento para entrar na barra

● O "ferro-elétrico" única condução popular do cais a Guarujá



● "Lona e areia" no tombadilho



No Navio-Escola "Guanabara" embarcamos lá pelas quinze horas do enevoadado domingo que foi 14 de julho. Bullaty e eu negras horas repletas de enjões e tempestades previamos, pois nunca longamente por mar viajáramos, e a fama dos catarrros do "Guanabara" é grande, aqui no Colégio.

Entretanto, não é o diabo tão feio como o pintam. Conseguimos pôr o pé em Santos sem ter entrado para a numerosa sociedade dos "Unidos de Sotavento" (sotavento é o bordo oposto àquele por onde entra a forte brisa marinha. Ali se acotovelam os "mareados", já que esvaziar o estômago contra o sopro do oceano só serve para sujar a roupa, coisa certa se o fizerem no outro bordo — barlavento).

Impressionou-nos a influência estrangeira, principalmente americana, nos bares e "dancings" próximos ao cais. Vários traziam tabuletas onde se lia: "Served by girls".

Santos é uma simpática cidade de veraneio, e os únicos responsáveis pelo prejuízo da estada foram o chuvisco e o frio, que se mantiveram constantes por tôda a permanência do nosso navio naquele pôrto.

O louro e alto D'Orsi teve interessante experiência, digna de menção. Abordou-o certa santista e perguntou-lhe se era da Marinha, ao que êle respondeu:

— Demais !

Talvez por influência do "Essex", que largara de Santos poucos dias antes, talvez pelo tom gutural imprimindo à voz, replicou a garôta:

— Ah, não fale em inglês comigo, que eu não entendo nada !

Três dias depois, levantávamos ferros a caminho do Rio. Os "mareados" tornaram-se poucos; êsses, porém, não abandonavam a balaustrada de jeito nenhum. . .

Na véspera do desembarque na Cidade Maravilhosa, à noite, tivemos a Ilha Grande por bombordo. Baldados foram nossos esforços no sentido de avistar Angra e o Colégio.

Ainda de madrugada o mar de Copacabana cortamos, e nas costas de Cabo Frio fomos "matar o tempo", para atracarmos na bóia por volta do meio-dia, o que realmente foi feito. Pisamos terra firme às quatorze horas.

Pouco aprendemos a bordo; e, no entanto, quanta coisa entrou para o nosso rol de conhecimentos marítimos ! Antes de tudo, num navio observa-se ser o marinheiro um gigante de coragem, e nota-se a mão divina nas mansas ondas do oceano, capazes de transformar em brinquedo inútil o maior dos encouraçados.

Na foto do alto: — faina perigosa: abafar os panos com forte vento soprando. Observem as calças enfiadas daqueles bravos, em cuja vida atos como êsse são apenas rotina.

Foto central — Um dos que foram ver de perto o Flâmula de Comando.

Última foto — O Navio-Aeródromo "Essex", da marinha britânica, que encontramos fundeado na Guanabara.



"EU SOU FUZILEIRO NAVAL!"

Al. (FN) ELPIO

"Um fuzileiro não cai; tomba! E, quando o faz, é de pé!"

"Coragem de marujo e disciplina de soldado: Fuzileiro Naval!"

"Fuzileiro, teu nome é Valentia!"

Dizeres dêsse tipo são encontrados, às centenas, nas capas de cadernos e páginas de livros dos alunos que, futuramente, com garbo formarão nas fileiras dos oficiais do nosso CFN.

Antes de tudo, é o Naval um "vibrador", e nisso se apóia a esperança do Corpo. Podemos perder para a Armada em tradições e para a Intendência em utilidade prática atual, mas o "fogo sagrado" e a disciplina dos FN só encontrariam paralelos no velho Encouraçado São Paulo.

Fundado em 1808, somente há poucos anos recebeu o CFN o impulso que o elevou quase ao mesmo nível das nossas grandes unidades de guerra, e ao dinamismo daquele chefe que, sem temer erro, colocaria na mesma ala de Nelson, Tamandaré e Barroso, isso devemos: Almirante Sylvio de Camargo. Ou também não será um grande o vencedor das batalhas na paz?

Quando se fala em Corpo de Fuzileiros, obrigatoriamente é seu nome lembrado. Sylvio de Camargo novos horizontes aos Navais abriu, mostrando que a tenacidade, aliada ao idealismo, remove obstáculos e do nada faz surgir um marco de vitória. E nossos gratos corações imortal tornarão a memória do homem que tanto fez por seus comandados e pela corporação querida.

A criação da Fôrça de Fuzileiros de Esquadra — tropa destacada para exercícios e manobras de desembarques em ações conjuntas com fôrças navais — representa mais um passo no caminho do sucesso, já que essa é a verdadeira razão de ser do Corpo.

Ainda não chegamos ao ponto desejado. De muita coisa carece o nosso CFN. Dia virá, porém, em que as sementes de Camargo compensarão o esforço do plantio. A tropa de elite será tida realmente como tal; e os homens de fé — alunos do CN hoje, comandantes amanhã — redobrado orgulho sentirão ao dizer aquilo cujo significado é renúncia, independência de pensamento, confiança no futuro e vontade de vencer trabalhando:

— Eu sou Fuzileiro Naval!

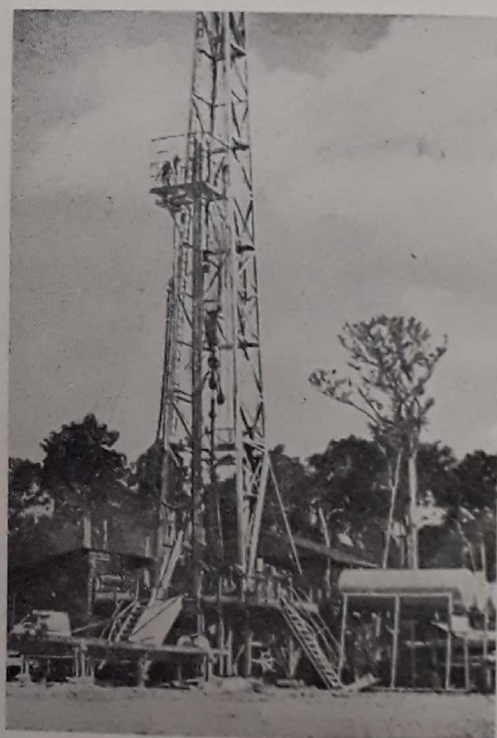


VISITA A NOVA OLINDA

A convite da Petrobrás, uma comitiva constituída de um professor e dez alunos do CN embarcou com destino a Belém, num "Constellation" da Panair, a fim de visitar as instalações e trabalhos que estão sendo levados a efeito na região amazônica. Fizeram parte da comitiva o professor de química Carlos Alberto Coelho Costa e os alunos Amora, Prado Maia, Raul, Schraeder, Adriano, Mário Monteiro, Chaves, Fernandes Netto e Sobrinho.

Partimos do Rio a 14 de julho p.p., às 24 horas. Num vôo com escalas em S. Luís do Maranhão, chegamos a Belém por volta das 7,30 horas. À nossa espera encontramos dois representantes da Petrobrás: Antônio Lira Jr. e Ronald Castanheda, que, em automóveis, nos conduziram para o Palácio do Rádio, edifício de linhas modernas, onde nos hospedamos.

Às 9 horas estávamos já no edifício central da companhia, no centro de Belém, onde assistimos a uma conferência proferida pelo comandante Carlos Alberto Zavataro, que nos explicou, em linhas gerais, por meio de gráficos e mapas e filmes, todo o trabalho que vem sendo realizado naquelas terras agrestes e impróprias à vida humana. Visitamos o depósito de material da companhia e pudemos observar a grande variedade existente, desde um simples parafuso até máquinas pesadas. Pudemos ver de perto, também, a construção de um dos alojamentos flutuantes que servem de morada para o pessoal que está trabalhando no meio da floresta. Nêles há todo o conforto de uma casa moderna: cozinha tôda aparelhada, banheiro, camas confortáveis e ainda inúmeros outros acessórios, a fim de dar, àqueles que lutam num mundo inteiramente alheio à civilização, um pouco do muito que merecem.



Segue



VISITA
A NOVA OLINDA
- Conclusão



No dia seguinte pela manhã, seguimos, também num "Constellation", para Manaus. Ainda do alto, vimos a refinaria que supre as necessidades de toda aquela zona petrolífera. Hospedamo-nos no Hotel Amazonas.

À tarde findou-se a nossa ansiedade, pois vimos, pela primeira vez, uma torre de perfuração. Fomos de carro até onde se acha instalada a 23 km. da cidade. Era um poço **estratigráfico**, isto é, destinado a estudar a natureza do solo, podendo assim chegar à conclusão da possibilidade ou não da existência de petróleo. Ai, sob sol causticante, pudemos sentir o desejo de vencer, de trabalho que torna a todos, desde o chefe até o trabalhador braçal, um só time, uma só mão, um todo unido e compacto a serviço da Petrobrás e do Brasil.

No outro dia bem cedo, partimos em uma das lanchas moderníssimas da companhia, pelo Rio Negro. Quando voltamos, foi-nos servida uma **tartarugada** típica na residência do Sr. Fernandes. Então, dirigimo-nos para o aeroporto de Manaus, a fim de embarcarmos no "Catalina" da Panair que nos levaria a Nova Olinda, centro principal de todo o trabalho petrolífero na Amazônia.

Lá chegando, pudemos sentir o ambiente de progresso que há naquela cidade do petróleo, à margem do Rio Madeira. Nessa nossa visita a Nova Olinda, chamaram-nos atenção, as construções modernas e bem aparelhadas, que são idênticas tanto para os engenheiros como para os trabalhadores.

Junto à cidade, na outra margem do rio, via-se a torre do NO-2, que ainda retira o ouro-negro da terra. Depois de breve visita às instalações da cidade, que é bem pequena, porém progressista, tomamos uma lanchinha que em pouco tempo nos levou em visita aos cinco poços que há nas redondezas. Todas as nossas perguntas eram respondidas com o máximo de boa-vontade. Num desses poços tivemos a oportunidade de assistir à operação de mudança de broca, trabalho êsse feito com uma precisão matemática.

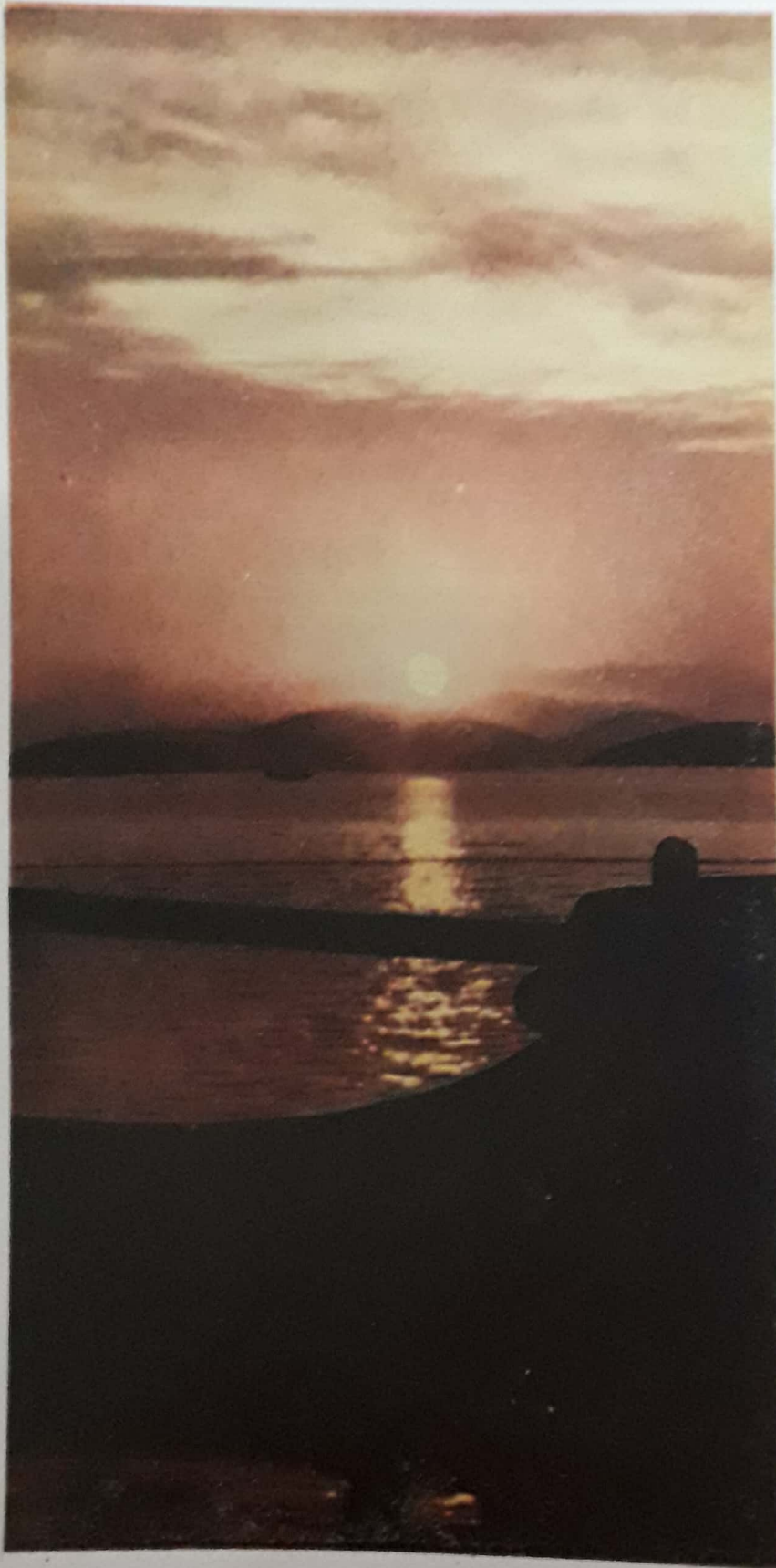
Depois de têmos passado umas três horas visitando tudo que se relaciona com o petróleo na cidade, voltamos de avião a Manaus.

No dia seguinte, 18, embarcamos num "Constellation", que nos trouxe para o Rio, onde desembarcamos à noite no aeroporto do Galeão.

Aquela viagem nos calou fundo e nos fez acreditar no futuro do Brasil, futuro cheio de progresso, pois para isso a Petrobrás está contribuindo enorme e patrioticamente.

O petróleo da Amazônia é uma realidade.

RIO - VITÓRIA



SEGUNDO DESTACAMENTO

Os oito dias de férias estavam-me ainda latentes na memória, quando escovei o jaquetão naquela manhã de luz e alegria. Aprontei-me e desci as escadas, assobiando, a fim de despedir-me dos meus. Alguns amigos

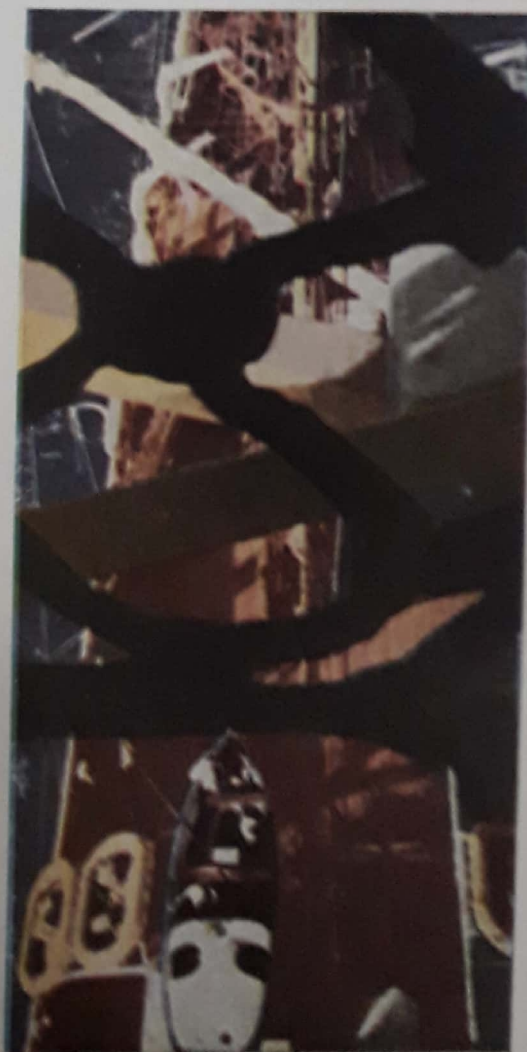
Texto
e
Fotos
de

RONALD GUIMARÃES

RIO-VITÓRIA

mais chegados — minha avó, meu pai, minha mãe — para quem somos sempre desprotegidos e pequenos. Retirei-me antes que uma lágrima inconsequente lhe escorregasse pela face, traindo a plástico de um sorriso que os lábios apenas ensaiaram. Não obstante, cheguei ao embarcadouro alegre e excitado com as perspectivas da viagem iminente. Conversávamos, eu e alguns colegas, quando a lan-cha do DHN encostou. Embarcamos. O hélice revolveu a água, levando ao fundo um lencinho branco, entre volutas de bolhas e espuma. O edifício do Ministério desaparecera por detrás da Ilha Fiscal. Começara a viagem de adaptação.

Distante, o NE Guanabara balançava-se sobre a superfície verde-oleosa das águas do cais. Pintado de branco e amarelo-vivo aspecto sólido e ao mesmo tempo ligeiro, os três mastros muito tesos, aprumados, com todos os panos caçados e cuidadosamente enrolados. O primeiro contato com o "navio-veleiro" foi algo de inenarrável. A simples realidade ultrapassara minha fantasiosa imaginação. O convés, de madeira dura e seca, irrepreensivelmente limpo e lavado. À volta do mastro grande, as malaguetas polidas e luzidas, ao redor das quais se enrodilhava verdadeira floresta de cabos. Depois do rancho, hora aguardada com grande ansiedade e um pouco de impaciência, fomos explorar melhor aquêlê labirinto de escadas e corredores. Assim passamos o resto do dia. Veio a noite e com ela um céu que era todo estrélas. Na pôpa, junto ao leme sobressalente, reunimo-nos — uns trinta colegas. O chão duro, alguns bancos envernizados, um monte de cabos aduchados, os "coxangás" branquejando nas cabeças, o piscar dos cigarros acesos, uma poética névoa fumarenta envolvendo todo o quadro. Vinte e duas horas. Sinais luminosos partiam de terra e eram respondidos do navio. Alguns oficiais assomaram ao tombadilho. Ouviu-se o soar de uma sirena — o "pato", como é chamada. A guarnição estava a postos. Recolheu-se a espia que nos trazia presos à bóia. Uma voz clara e segura fêz-se ouvir "Máquinas avante à meia-fôrça". Descrevendo amplo arco, contornamos a bóia e fomos deixando para trás a cidade mergulhada entre miríades de luzes...





RIO

Bati com a cabeça num dos numerosos canos de ventilação, água e nafta que passavam por cima do beliche. Acordei. Meio atordoado, vesti-me, e, esfregando a testa contudida, subi para o convés. Lá se fôra o chapéu arrastado pela furiosa aragem marinha. O mar, de mau humor, esmurrava o chapéamento do costado com os punhos verde-acinzentados. Chovia debaixo de um céu de chumbo. Enfiando as mãos nos bolsos da japona subi até o tombadilho. Lá em cima todos nos identificamos: molhados, olhos de ressaca, pálidos, enfim, enjoados. O Guanabara, que se me afigurava um navio calmo, parecia haver enlouquecido: arfava, caturrava, jogava, tudo ao mesmo tempo. Entre um balanceio e outro tocou rancho. Olhei para o lado interrogando um colega que deveria ter sido moreno... em outros tempos, talvez: "Não ouviste? Tocou rancho". Lançando-me um olhar vago e distante, mis-

segue



VITÓRIA

to de admiração e desprezo, respondeu-me: "É mesmo?... e ficamos os dois, a chuva escorrendo pelos cabelos, colados. Passáramos por Cabo Frio, vim a saber mais tarde, local onde o mar é sempre turbulento e o tempo ameaçador. Aquêlê dia foi terrível. O estômago rejeitava a espécie de alimento. À medida que Cabo Frio foi ficando para trás, o tempo foi melhorando e com êle o enjôo. Ficamos mais animados. Começamos a dar serviço sistematicamente. Gôvea, homens-do-leme, timoneiro, ajudante-do-oficial-de-quarto, ajudante-do-oficial-en-carregado-da-navegação, máquinas, polícia, ronda, etc... Dai em diante dividimos o tempo entre o serviço e a pôpa, onde nos reuníamos, e, entre um cigarro e outro, riamos, cantávamos e conversávamos. Vinte e três horas. Um violão bem dedilhado, a mezena com os panos cochados contando estrê-las... saudosas reminiscências. Ôbviamente, durante o serviço, cometemos várias gafes (a parte mais pitorescas da viagem), pois não conhecíamos a coisa em seus detalhes. Pacientemente, os ofi-

balho. Ali e acolá algumas luzes se acendiam, qual multidão de olhos que se abriam para nos espreitar. Algumas lanchas retardatárias cortavam-nos a proa, levando ainda em seus bojos alguns operários. Debruçados sôbre a amurada, observávamos em silêncio. Logo, uma interrogação saltou-nos dos lábios a um só tempo: "Quando baixaremos à terra?" Para desconsôlo nosso ancoramos ao largo, coisa de cem metros mais ou menos do trapiche. Assim ficamos aquela noite e todo dia seguinte. Irrequietos, acompanhávamos com os olhos as saias coloridas, que apertavam a cintura delgada de graciosas capixabas. O movimento das ruas, o trânsito, as casas, o vaivém dos trabalhadores, os outros navios, o cais de minério, até os cães vadios que vagavam pelas ruas, na expectativa de encontrar algum alimento que lhes mitigasse a fome... cobertas abaixo, por cima dos beliches, os jaquetões duas vêzes escovados, os sapatos engraxados, colarinho, camisa, tudo minuciosamente arranjado.



ciais, bem como seus auxiliares mais diretos, orientavam-nos, dando as devidas explicações. Os dias sucederam-se celeremente. Tudo era novidade, tudo era objeto de minucioso exame. A cada conhecimento novo, juntávamos aquêles adquiridos anteriormente. Breve conhecíamos os nomes de tôdas as peças do moçame, poleame e arvoredo da barca, desde a mezena ao gurupês, do "gaff-top" à giba, desde o mais esguia adriça até os mais resistentes cabos de força. Quinta-feira. Vitória. A notícia correu pelo navio, e nós para a amurada. Encobertos pela leve neblina que anuncia o penumbra que se aproxima, distingui um grupo de rochedos que emergiam à superfície. Era a entrada do porto. Com o sinal de "termos práctico à bordo" içado, singramos estreito canal, surpreendendo a cidade que deixava o trabalho e preparava-se para o sono... Os edifícios vestiam-se de sombras. O cais de minério recolhera os esteiras rolantes. As fábricas apitavam anunciando o fim de mais um dia de tra-

Na manhã de sexta-feira acendeu-se um belo dia de sol. À tarde, para satisfação geral, o comandante ordenou a atracação. Naquele mesmo dia jantamos em terra. Fui conhecer a cidade e visitar alguns conhecidos. À noite havia um baile no "Saldanha da Gama", para o qual todos fomos convidados. Muito bem recebido, a cidade em si — laboriosa e pacata — as pessoas com as quais tive oportunidade de travar relações — amáveis e divertidas — causaram-me, por isso, ótima impressão. Compareci a três animadíssimos bailes e tomei parte num dos jogos que disputamos com os atletas da cidade. Em todos os lugares aonde ia, contava sempre com a simpatia e a gentileza dos nossos anfitriões. Confesso que não foi sem uma saudade precoce, que vi a espia, retirada do cabeça, saltar n'água e ser içada para bordo. Era domingo. A praia regurgitava, pois nesse dia disputava-se uma regata entre os clubes locais. Quanto adeus, quantos lencinhos agitando as pontas travêssas, presos aos dedos ner-

RIO



VITÓRIA

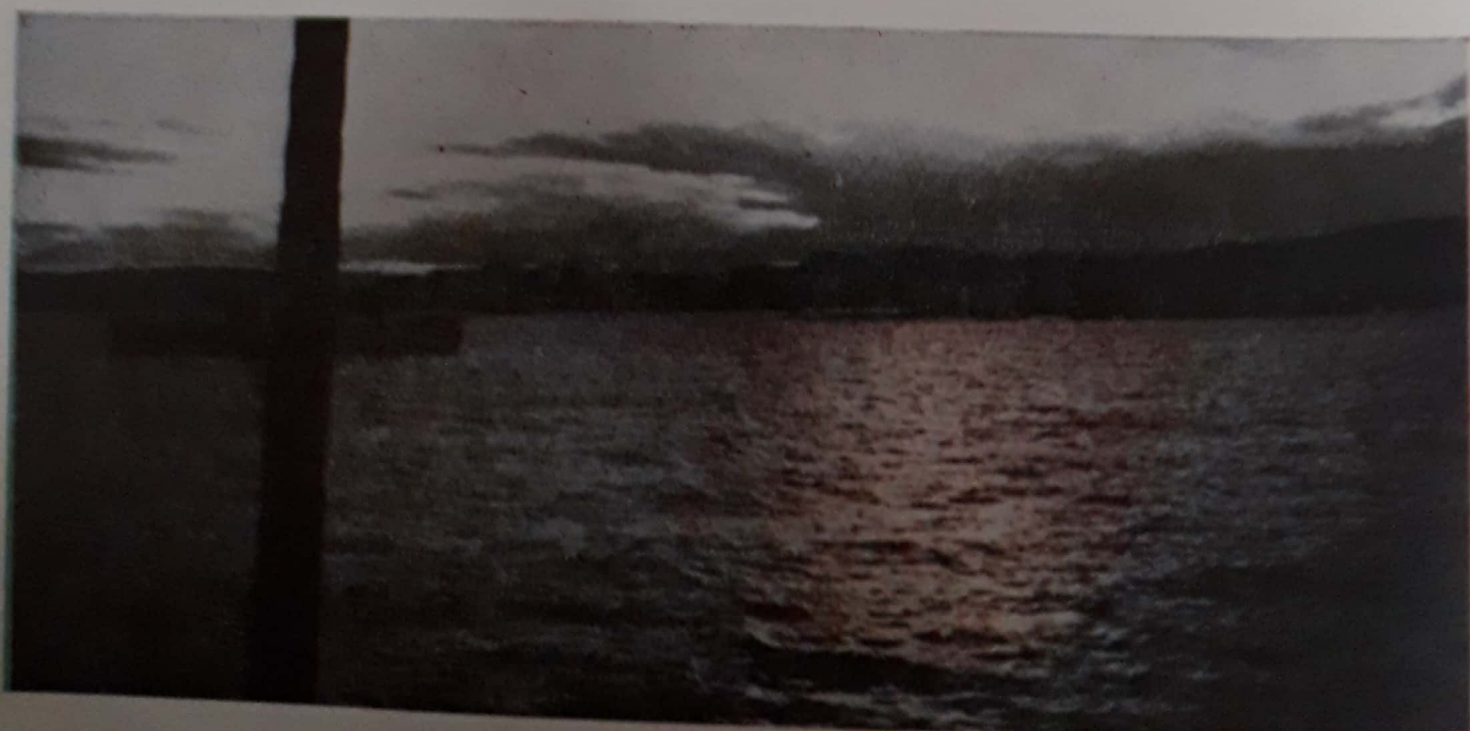
CONCLUSÃO

vosas de lindas meninas. O espírito agitado pelas emoções recentes, o corpo fatigado pelas alegres noitadas — assim fizemo-nos novamente ao mar.

A viagem de volta transcorreu sem maiores novidades. Desde o entardecer de domingo vínhamos com o vento empobado. Na manhã seguinte ajudávamos na manobra com os panos. Agora, sim, o navio-escola assumia o verdadeiro aspecto: velas enfunadas, um pouco adernado, ferindo o oceano com caturradas intermitentes e compassadas. Com o motor virando, a brisa soprando generosamente, a correnteza a favor, atingíamos a velocidade máxima. Já habituados às fainas e ao jôgo, pudemos aproveitar mais das aulas de máquinas, instrumentos de precisão, tiro, sinalização, comunicações visuais e navegação, que nos foram ministradas. Tão rápida foi a volta, que, no dia seguinte, às dezesseis horas, já se divisava, ao longe, Cabo Frio, cinzento, carrancudo e tempestuoso. Passamos ao largo, temerosos, trazendo, bem vivos na lembrança, os maus momentos que vivemos próximo àquele colosso de granito que dormitava acobertado por nuvens pejudas de chuvas. Chegamos como saímos às vinte e três horas. Os que já tiveram a oportunidade de entrar barra a dentro, durante a noite,

jamais se esquecerão da indiscreta festa de luzes e cores que se nos depara . . .

Ao atravessar o portão do Ministério, na manhã seguinte, certamente satisfeito por estar de regresso, vinha pelo caminho, lembrando-me de quando, ainda formados na tolda, momentos antes do desembarque, ouvíamos as palavras do comandante, que nos apresentava as despedidas: "Fiquei satisfeito de ter-vos a bordo comigo. Hoje não me despedirei de vós. Direi apenas um "até-breve", pois espero encontrar-me ainda convosco, nesta, ou em qualquer outra unidade da nossa Marinha de Guerra, não como instrutor vosso, mas como superior mais direto. Nessa época, já não mais sereis meros alunos, mas, provavelmente, hábeis e competentes oficiais com a missão quem sabe, de orientar outra turma de jovens idealistas e esperançosos como vós. Até breve, pois, e boa-sorte". Caminhando sempre, enveredei pela rua Primeiro de Março à cata de condução. Pelas ruas adjacentes distinguam-se ainda alguns bonés brancos, cada um deles levando para o aconchego de seus lares, um punhado de lembranças daqueles sete dias tão intensamente vividos.



Festa

JUNINA



Seguindo, talvez, uma lei natural, os grandes momentos da vida se desfazem com rapidez de foguete em dia de festa, e são sempre precedidos de carinhoso preparo e deliciosa espera.

Assim também a nossa Festa Junina, seguindo os preceitos que envolvem tudo que nos traz instantes de prazer e entretenimento, começa muito antes do dia em que se comemoram os festejos roceiros regionais do Brasil.

Tudo é planejado; organizam-se equipes de trabalho, dividem-se os grupos nas diversas partes da ornamentação, e a labuta tem o seu início. Pregam-se bandeiras, colam-se cartazes pitorescos e engraçados, desenha-se, imagina-se, constrói-se. São noites dedicadas a trabalho incansável, dias inteiros de fadiga e contínua ansiedade.

Uns criam engenhos elétricos, outros imaginam desenhos gigantescos para as paredes, outros trabalham com os músculos. Revezam-se as equipes, dia e noite, e eis o Ginásio pronto para receber os convidados. Alguns até, dos que perderam energias na "virada", mal podem assistir a uma ou outra dança, pois o cansaço os domina. Mas há a alegria indescritível de ver corado de êxito aquilo por que tanto se bateram. Alegria diferente, original, de recostar o corpo quebrado de sono num beliche, ao som de uma música suave e distante, que deverá estar embalando casais enamorados.

Chega a festa, e logo os acordes das músicas dolentes misturam-se ao espocar dos fogos e ao arder constante da fogueira. Realizam-se as tradicionais imitações do casamento da roça, regaladas de comida e bebida.

É um toque de vida e alegria no silêncio dos estudos e das preocupações.



Texto do
AL. MARCOS POGGI

O Combóio

H. S. 58

Poucos brasileiros sabem hoje, exatamente, que papel exerceu a sua Marinha de Guerra, quando do último grande conflito mundial, em defesa da Paz.

O relatório do CT Pedro Borges Linch, um dos sobreviventes dessa jornada, numa interessante condensação, ofereceu ao aluno Marcos Poggi, excelente motivo para a exposição dos momentos terríveis por que passaram os bravos homens da Marinha de Guerra do Brasil e as lastimáveis perdas que sofremos.

"... E O MARULHAR CONSTANTE DAS ÁGUAS DO OCEANO HÁ DE CANTAR ETERNAMENTE A TUA GLÓRIA..."

Desde tempos há muito idos que o homem luta desesperadamente pela sua liberdade. Sempre foi assim e assim sempre o será.

Sôbre essa impostora pousamos todo o nosso ideal, tôda a razão da nossa vida. Desprezássemos-la, desprezaríamos Deus. Escravidão, domínio e terror são têrmos que as gerações tentam, através dos séculos, apagar do dicionário das sociedades.

Saiba, todo aquê que tentar utilizar-se de sua fôrça para com ela dominar o mais fraco, que encontrará sempre empanando o seu caminho o Direito da Liberdade. Saiba que ao lado dêsse Direito encontrará também um "Auri-Verde Pendão que a brisa do Brasil beija e balança", na popa de algum navio. Saiba que êsse Auri-Verde continuará na pôpa dêsse navio, beijado e balançado por essa mesma brisa, enquanto houver um brasileiro vivo. E nunca se esqueça de que a "Fôrça do Direito" é imensamente mais forte do que "O Direito da Fôrça". A lei não é a do mais forte; é de todos; é feita por todos e para todos.

Lastima-se sômente que a liberdade de um homem tenha que ser, às vêzes, comprada com o sangue de outro. Nem tôdas as lágrimas de tôda a humanidade seriam suficientes para chorar uma única gôta dêsse sangue, pois êle representa a abnegação, o sacrifício, o espírito de luta de um homem por uma causa; e nada neste mundo poderá preencher o vazio deixado por essa criatura no seu lar e na sua pátria.

Os acontecimentos aqui narrados foram condensados do relatório do CT Pedro Borges Linch, da Fôrça Naval do Nordeste durante a última guerra mundial.

O

COMBOIO

E — segue pág. 58

Às 21 horas do dia 12, em Old Bahama, ouviu-se pela fonia uma mensagem do Comte. da Escolta: **Obtivemos contacto submarino pt Fizemos ataque cinco bombas pt Consulto se devemos permanecer local ou continuar nosso posto :**

Todos os "escoltas" tocavam "Postos de Combate" e em poucos segundos todos os postos estavam guarnecidos. O silêncio era absoluto na grande expectativa de divisar a pequena silhueta de um submarino inimigo por entre a espessa escuridão da noite. Ouvíamos só os contínuos e intermináveis "pings" do aparelho de procura submarina. Quinze minutos depois, recebemos nova mensagem: **Se permanecer ainda em contacto deixe o comboio e continue atacando pt. Caso contrário ocupe novamente o seu posto pt. A resposta foi imediata: Contacto perdido pt. Ocuparei novamente posto pt.**

Às dez horas do dia 12, chegávamos a Guantamano, Base Naval Americana em Cuba, onde soubemos do desaparecimento do submarino americano R12 ao largo de Key West, em cujo bôjo sucumbiram dois jovens e esperançosos oficiais da nossa Marinha: os Capitães-Tenentes **Alberto Rosaura de Almeida e Júlio Lima de Moura.**

De Guantemano fizemos ainda outra escolta a Port of Spain, cuja travessia fêz-se em seis dias e sem grandes ocorrências.

A chegada de navios brasileiros àquele pôrto naquela ocasião foi providencial, pois ali estava um navio brasileiro: o "Pelotaslôide", cujo destino era Recife; os Caças "Jacuí" e "Jundiaí" receberam ordem de escoltá-lo.

Na ocasião da nossa saída, nos foi fornecida uma carta contendo as posições dos navios torpedeados, cujos cascos eram perigosos a navegação e que se achavam entre êsse pôrto e as costas da Guiana Francesa. Para se ter uma idéia do que vinha sendo a ação submarina nessa zona, é bastante dizer que o número de navios torpedeados até aquela data atingia a respeitável cifra de 256.

Seguimos diretamente para Salinas, ponto de aterragem de quem se destina a Belém. Depois de sete dias de viagem em que se tinham conseguido alguns contactos duvidosos, chegamos a Salinas pela manhã do dia 4 de julho. Às onze horas dêsse dia, recebia o "Pelotaslôide" o práctico que o deveria conduzir até o fundeadouro da Ilha das Gaivotas onde aguardaria o regresso dos Caças que iriam a Belém reabastecer-se de combustível para o prosseguimento da viagem até Recife. Jamais poderíamos supor em tais condições a trama que o destino havia hábilmente tecido para, jogando por terra tôdas aquelas nossas alegrias, substituí-las por um dos mais revoltantes sentimentos — aquêle em que se experimenta a nossa incapacidade de ação ante o fato consumado.

O
C
O
M
B
O
I
O

Precisamente às 12,54 minutos, sentíamos um tremendo choque, e no mesmo instante o "Pelotaslóide" desaparecia dentro duma colossal coluna d'água.

Pensamos que o navio havia sofrido uma tremenda explosão interna, que o fizera em pedaços, mas, quando se dissipou a formidável massa d'água que o envolvia, vimos pelo seu aspecto — francamente adernado para BE — a dura e já inevitável realidade: o navio havia sido atingido por um torpedo ou mina acústica.

Angustiadíssimos com o inevitável — a perda do navio — revoltados contra esse traiçoeiro inimigo que nos fazia perder o que havíamos conseguido conservar acobertado de perigos, à custa de sacrifícios e vigílias durante sete longos dias, aproamos para o mar, motores a tóda fôrça, procurando descobrir o invisível inimigo que estaria submerso nas imediações. Com as péssimas condições locais de som, pouco fundo, estuário de rio, não tínhamos confiança nos contactos obtidos, mas, mesmo assim, atacávamos com tóda a agressividade possível, lançando bombas e numa ansiedade indiscreta e fácil de se compreender. Enquanto assim agíamos, o navio lentamente submergia e 25 minutos depois, do seu grande vulto só restavam destroços que flutuavam ao sabor da corrente. Recebeu então o "Jundiá" ordem para iniciar o salvamento dos náufragos.

Enquanto o "Jundiá" fazia êsse serviço, o "Jacuí" volteava em seu redor, defendendo-o de um possível ataque.

Foram recolhidos 29 náufragos e cinco dos tripulantes desapareceram.

Foi transmitida uma mensagem pelo rádio solicitando o auxílio da aviação para a caça ao submarino. Permanecemos nessa tarefa auxiliados por dois aviões, até o escurecer, quando demandamos o pôrto de Belém.

E assim oferecemos aos leitores uma pequena amostra do que foi a ação da Marinha Brasileira na Segunda Guerra Mundial. Vimos o que foi um dos 446 comboios realizados pela nossa Marinha durante o conflito. Contudo, apesar da proteção efetiva garantida pelos comboios e patrulhas, os prejuízos sofridos pela nossa Marinha Mercante foram vultosos: 32 navios, somando 200 mil toneladas, todos torpedeados. Com essas 200 mil toneladas tragadas pelo Atlântico foram as vidas de muitos brasileiros. O **Cruzador Bahia**, o **Vital de Oliveira** e a **Corveta Camaquã** foram as unidades da nossa Marinha perdidas durante a Guerra.

Glória à Fôrça Naval do Nordeste, comandada pelo Almirante Alfredo Carlos Soares Dutra; glória à Fôrça Naval do Sul; glória aos que, no mar, morreram por amor à Pátria e ao Direito. Eles sabem que "... O marulhar constante das águas do oceano há de contar eternamente a sua glória..."



CONCLUSÃO



RONALD

Acordai !
acordai em mim, musas adormecidas,
trazei vossos cântaros sagrados
e derramai em minha frente
o bálsamo divino da inspiração.

Vinde !
vinde, náíades e ninfas,
sonhos e sombras,
trançai entre vossos dedos nervosos
as cordas da minha lira

Despi-me !
despi-me dêste materialismo,
das lógicas, da razão,
e dai-me o beijo, o beijo sublime,
embriagador,
do profano e do imponderável.

Voai !
Voai por terras e mares,
dizei às fontes, aos pássaros e às flôres,
a tudo quanto é belo,
que nada chore a morte do homem
que ressuscitou poeta . . .

VIRGENS MARIAS

marcos poggi de aráujo

Porque que é que vocês me olham
Com esses olhares de Virgens Marias?
Eu não quero Virgens Marias!
O que eu vou fazer com uma Virgem Maria?



INDIFERENÇA

LUCIMAR

No entanto, passas tão indiferente...
altiva... sobranceira...
quando a meus pés sincera e humildemente
muitas vêzes caíste arrependida...
No entanto, passas tão indiferente...
com êste ar de falsa superioridade...
quem me diz que por trás dessa imponência
não escondes também muita saudade?

ESPERANÇA...



LUCIMAR

*Haverá dia
em que Deus se compadecerá dos poetas
e fará chover estrêlas...*



*Na lânguida tristeza em que me encontro,
Só me resta escrever-te estas linhas;
Peço-te porém que não respondas,
Não digas nada...*

*Sabes... Todos os dias
Converso contigo:
Entro em meu quarto, vejo teu retrato
Que alinda minha grotesca mesa,
É fico horas te namorando...
Tu me olhas com aquela inocência
Própria dos anjos,
Sorris com um sorriso de Jacqueline
— Manuel disse que Jacqueline morreu menina —*

*Mas o retrato é muito antigo...
Certamente não sabes mais sorrir assim;
Contudo é assim que te vejo,
É assim que me olhas,
É assim que te amo...*

*Jacqueline — permite que dêste modo te chame —
Eu não queria te ver agora;
Se visse, rasgava o teu retrato,
Depois juntava pedaço por pedaço
E enterrava no fundo do quintal...*

*Eu ia chorar muito a tua morte, muito mesmo
Jacqueline...*

JACQUELINE

Marcos Doggi de Araújo



NÚMEROS E NOMES

Conto de

Ronald Guimarães

Quatro e meia da tarde. Na fábrica, milhares de operários largam o serviço e dirigem-se às modestas residências, situadas a curta distância do local de trabalho. Todos moram ali, naquele bairro que se desenvolveu em volta da grande indústria têxtil. Os diretores, em vista de a fábrica ficar distante dos centros urbanos, resolveram financiar a construção de pequenas moradias para os futuros operários. O tempo foi passando. As máquinas cansaram e foram substituídas. Homens morreram para ceder lugar a novas existências. Só as casas, só as velhas casas ficaram. Hoje formam um conjunto triste, arcaico, de portas sujas e janelas sempre fechadas. . . Focalizemos uma delas.

O vento vespertino balançou a surrada cortina ramerrona pendente de uma ripa da madeira. O aposento é pequeno e mal iluminado. Numa envelhecida cadeira de balanço, um homem de aspecto igualmente envelhecido. Fisionomia cansada, olhos apogados, que, de lavados por tantas lágrimas pouco a pouco foram perdendo a côr. Os cabelos, prematuramente brancos, quebradiços, emprestavam à face engelhada um semblante quase senhoril. A cabeça descansada no espaldar da cadeira, os braços largados ao longo do corpo, percorria com o olhar os móveis comidos de cupim e os bibelôs de baixo preço, que expunham a pobreza de cima das prateleiras forradas com papel, dando ao ambiente aquele ar de armário desarrumado. . . pensava. . . o dia de hoje fôra duro para êle. Sérias complicações na seção que fiscalizava. Dia a dia, sentia-se mais e mais cansado. A aposentadoria não lhe acenava senão como um meio de morrer mais depressa — de fome. Por outro lado, teria de ficar em casa, vendo a

mulher, que já não era aquela rapariga viçosa e alegre de outros tempos. O Natal está bem próximo. Mais um Natal... Este ano, entretanto, a data que marca o advento do Criador não seria tão triste, pois o filho concluirá o curso do Colégio Naval. Agora viria para o Rio e ficaria mais junto deles. O filho... o único filho... que tivera tudo aquilo que sua humilde condição lhe havia negado.

Súbitamente, um raio de luz ferira-lhe os olhos e fizera-o piscar vivamente. Um rapaz, bastante jovem ainda, arredara com as mãos aquela mesma cortina ramerrona de há pouco e aproximara-se do parapeito. Trazia no rosto indisfarçável expressão de cansaço e abandono. A pálida claridade da tarde que agonizava, acentuava-lhe mais as rugas que vincavam já o rosto juvenil. O pai, a quem não escapara o estigma de tédio, interpelou-o vivamente:

- Alfredo?... .
- Que é, pai?
- Que tens?
- Nada, ué... .
- Estás com uma cara de sexta-feira... .
- Cansaço, apenas.
- Cansado, tu, nesta idade? Fala, filho, o que há contigo?
- Ora, pai, já disse que não há nada.
- Vamos lá, rapaz, qual é o nome dela?

... Alfredo já não ouvia a seu pai. Fugindo às perguntas insistentes, rolou os olhos pela rua descalçada e poeirenta, que com o cair da tarde enchia-se de sombras. Olhou mais acima; mais acima ainda dos telhados cobertos de musgo, para o sol, que escorregando de uma nuvem, caíra por detrás do morro, rubro de cólera. Escurecera rapidamente. Ruas de subúrbio. Ruas tristonhas, de casas tristonhas, que abrigam gente insatisfeita. Ruas de subúrbio — infância desamparada. Lembrava-se bem da infância, das bolas de meia, das pipas, do bonde-andando quando ia para a escola pública... Sempre fôra amigo dos livros. Depois do primário, a mãe matando-se no tanque, o pai trabalhando dobrado, conseguiu concluir o ginásial, estragando a vista com a iluminação deficiente da lamparina a querosene e estudando nos livros sujos e rotos, refugio dos colegas mais favorecidos pela sorte. A imensidão do mar, aquela sensação de magnitude e liberdade que o fazia ficar horas e horas debruçado pelas amuradas do Flamengo, e, ainda, a oportunidade de continuar com os estudos, ingressando, desde cedo, numa carreira de futuro: tudo isso somou-se para que êle se preparasse com afinco para os exames de admissão ao Colégio Naval. Bem sucedido nas provas de promoção ao segundo ano, igualmente bem sucedido nas finais de admissão à Escola Naval, dir-se-ia um indivíduo plenamente satisfeito. Entretanto, sua vida sofrera radical transformação. A princípio, sentira-se bastante deslocado no meio de outros jovens de posição social mais elevada. Todavia, à medida que os meses foram se sucedendo, a universal camaradagem dos tempos de colégio, a amizade, que se nega a reconhecer preconceitos de classe, incumbiram-se de aproximá-lo do seio dos demais. A identidade dos uniformes acarreta a identidade das pessoas. O número que cada um carrega na plaqueta de identificação diz apenas um número, um nome, um colega, um possível amigo. Dentro do uniforme pode caminhar o filho de um jornalista, como o de um empresário; o de um almirante, como o de um marinheiro; o de um simples padeiro, como o de um príncipe destronado. Não importa. Todos se identificam igualmente por um número e um nome. No co-



légio era o "Fred", rapaz alegre e brincalhão, sempre disposto a contar uma piada. Em casa era o Alfredo, o entediado e melancólico filho de um honesto-mas-pobre-operário. A família nunca o visitara em Angra dos Reis. O pai, idoso e cansado. A mãe, ocupada com os afazeres domésticos.

— Alfredo, ó Alfredo... estou falando contigo!

— Desculpe, papai, me distraí.

— Logo hoje, na véspera do teu baile, resolves ficar assim aéreo e entregue ao desânimo?

— Ora, pai, eu não vou a baile nenhum.

— Meu filho, embora pareça absurdo, já fui moço como tu e saberei compreender os teus problemas. Como já passei por tôdas essas coisas, conheço quais os melhores remédios para cada um dos teus males. Vamos, anda, fala de uma vez. Preferes que me aborreça?

— Bem, tenho que desabafar com alguém mesmo... Como sabe, o nível social dos alunos é mais elevado do que o nosso. Talvez fizesse mal, mas o fato é que aprendi a conviver com eles e gostar das mesmas coisas de que eles gostam. Durante a nossa vida em comum, em regime de internato, precisamos constantemente uns dos outros, e eu não podia fundar um sindicato dos filhos de pais pobres. Muitas vezes conversei com êsses outros rapazes. Falavam de coisas que nunca vi, mas sei que existem. E entre rapazes, conversa puxa conversa, assunto puxa outro assunto, e, pode parecer-lhe infantilidade, mas a gente não gosta de ficar para trás. Assim, disse várias coisas que me comprometeriam bastante, se soubessem quem realmente sou.

— Disso eu sei, interrompeu o pai, mas deixe-se de rodeios e entre direto no que interessa.

— Como o sr. sabe, realiza-se hoje, no Piraquê, um clube muito bonito lá na cidade, o Baile da Âncora...

— E daí?

Bem, mamãe parece querer ir ao baile e...

— E...?

— O senhor compreende essas coisas melhor do que ela. Sei que não tem nenhum vestido apropriado para a ocasião, e não quero que ela se magoe... poderão até barrá-la na entrada e...

— Ora, filho, então era por isso? Mas é claro que nem eu nem tua mãe pensáramos em ir ao baile. Imagina-nos lá no meio dos granfinos envergonhado-te com as nossas maneiras grosseiras na frente dos teus amigos ricos.

— Não, não é isso, é somente porque...

— Vá lá: é assunto encerrado. Agora vai jantar e descansar bastante, para não chegares ao clube com este ar de finados.

O dia seguinte transcorreu como os demais. À noite entretanto, notava-se uma agitação, um alvoroço fora do comum.

— Mamãe, a senhora passou a capa do boné?

— Passei, sim, meu filho, está aí em cima da cama!

Pouco depois descia Alfredo, todo de branco, luzidio e engomado.

— Deus me livre, Alfredo, pareces até um almirante! (para as mães sempre somos almirantes).

Depois de mil ajustes, foi agraciado com o olhar aprovador da mãe. Dentro em pouco, saía para a rua, não mais o Alfredo-filho-de-um-pobre-mas-honesto-operário, mas um dêsses Alfredos identificáveis por um número e um nome. Ao chegar na rodovia, sacudiu do sapato branco um resto de poeira vermelha, reminiscências do mundo que acabara de abandonar. Poucos minutos depois, rodava sôbre o asfalto fracamente iluminado pelos faróis do loteação. Saira do mundo do tanque, da fumaça e da honestidade sem dinheiro, para entrar no mundo em que as pessoas se identificam senão por um número, por um nome.

A história não acaba em números e nomes. Nem sôbre calça e fumaça, nem sôbre os deslizantes e iluminados salões do Piraquê. A história termina naquele mesmo aposento pequeno e mal iluminado. Naquela mesma cadeira de balanço, envelhecida, que aconchega um homem igualmente envelhecido. Um homem de fisionomia cansada e olhos apagados, os cabelos emoldurando as faces engelhadas e sem brilho. É noite. Lá fora, os gatos da vizinhança remexem as latas de lixo, à cata de sustento. Pela porta dos fundos sai uma pretinha levando um embrulho de papel de sêda, rasgado numa das extremidades, deixando à mostra a alça de um vestido de baile. Sentada na beirada de uma cama que o pêso dos anos já fizera vergar, a velha senhora imaginava a melhor maneira de devolver o vestido sem sacrificar o modesto patrimônio. Sim, seria uma bela surpresa... seria. Na sala, o ancião remexe o bolso do pijama e retira de lá de dentro, um papel impresso como um recibo. Lia-se: Casa Habib — Roupas de Aluguel. Recebi do sr. Fulano de Tal, a quantia de duzentos cruzeiros, pelo aluguel de um "smoking" de número 2749, que deverá ser devolvido em... números e nomes... Dos olhos já sem côr, lavados por tantas lágrimas, desponta mais uma. Tímida a principio, foi avolumando-se, avolumando-se, até que despencou por debaixo da pálpebra, canalizando-se pela calha por onde desfilam todos os amargores. No queixo, parou a fim de refazer-se. Cresceu um pouco mais em volume e atirou-se ao chão. No dia seguinte já estava sêco o local onde tombara.

Ora! de Farda até... é um Casanova...





NÃO ESQUEÇAM NOSSOS

NÁUFRAGOS

ELPIO LUCIANO GOMES

Países quase não houve que, durante a Segunda Grande Conflagração Mundial tenham escapado à ira infernal de destruição coletiva — patrocinada exclusivamente pela **ganância** — mal inapelável que a Civilização legou ao Homem.

Os tentáculos flamejantes da guerra, depois de envolvido tódo o Velho Continente, estenderam-se até as nossas costas marítimas, torpedeando-nos, entre vários outros vasos mercantes e bélicos, o cruzador **Bahia**, além do navio-auxiliar **Vital de Oliveira**.

Servindo hoje, no Colégio Naval de Angra dos Reis, o Sub-Oficial **Barreto** e o Segundo Sargento **Roque**, ambos sobreviventes, respectivamente do **C Bahia** e da **CV Camaquã**, esta, vítima da fúria do mar, relataram ao aluno **Elpio Luciano Gomes**, os momentos mais cruciantes desses horríveis desastres.

É o presente relato, no entanto mais um canto de glorificação aos homens anônimos do mar, que "**com o sacrifício da próprio vida**", como juram à Bandeira, se lançam ao inimigo como escudos da Pátria do que mesmo uma narrativa da catástrofe em si. É a exaltação do valor humano — e nunca a apresentação do espectro em aventura disposta a saciar o gôsto sádico do leitor viciado.

Cruzador Bahia

Numa plataforma de metralhadora dormitava Barreto, quando pela violenta explosão despertado foi. Sobre o convés sentiu-se tombando e, mal se levanta, por entre rolos de fumaça um taifeiro avista, com as vísceras à mostra, caído sobre cacos de chicharas. A sua esquerda, dois fuzileiros navais jazem mortos, olhos esbugalhados, sangue jorrando da boca e dos ouvidos, esmagados pela tremenda compressão, da qual, dentre todos os que na pôpa se achavam, só escapou Barreto, por estar deitado.

Pelo convés saiu cambaleando, meio atordoado, sem saber direito o que ocorrera até encontrar o Comandante, caído a um canto, com um marinheiro ao lado.

— O que aconteceu, Barreto?

— Não sei, Comandante. Acho que foi uma carga de pólvora que explodiu.

Ao pegar no braço do superior, tentando erguê-lo, notou-o mole: estava fraturado. Dentes trancados pela dor, notando os estremecimentos do navio, diz:

— Deixe-me sozinho. Já estou muito velho, o cruzador vai afundar. Fico com ele. Vão-se embora, meus filhos. E que Deus os acompanhe.

"Postos de abandono" toca o corneteiro. Atira Barreto um banco flutuante e uma chalana ao mar e, vendo

um cabo a tudo assistir de braços cruzados e olhar indiferente, chama:

— Vamos logo, homem! o *Bahia* vai a pique.

— Ora, quer saber de uma coisa? Estou neste navio há vinte anos, e não vou deixá-lo agora. Vamos juntos para o fundo, éle e eu.

Atira-se Barreto às águas e ocupa lugar numa balsa, com mais dezoito companheiros. Vêem o velho barco que, elevando a proa num ângulo quase reto, num monte de espumas e bôlhas desapareceu.

À noite, sobre os naufragos forte tempestade caiu, alagando as balsas e ameaçando quebrar-lhes os cascos. Foram, por isso cortadas as amarras que as uniam, e cada embarcação ficou à sua sorte entregue.

As "caravelas", enormes água-vivas de oceano, os barcos invadiam, horríveis queimadura provocando nos infelizes e deixando um rastro de confusão, pulos e gritos.

Amanheceram mortos dois homens, vítimas ainda da explosão.

O sol deixava-os cegos, com os reflexos na crista das ondas, e suas línguas a boca queimavam, de tão ressecadas e inchadas.

Na manhã seguinte, Barreto acordou com os chamados de um pernambucano, que bradava:

— Estamos chegando ao Recife! Vamos pessoal!

Barreto olhou espantado, e nada viu senão céu e mar. Compreendeu logo tratar-se de loucura. O nordestino atirou-se da borda, sendo seguido por seis outros, pela miragem contagiados. Logo ouviam-se gritos pavorosos: tubarões!

No dia seguinte, mais quatro foram vítimas de alucinações e entregaram-se aos terríveis anequins e tintureiros, os quais quedavam-se em tórno da balsa, aguardando...

Torturava-os a fome. Devoravam pedaços de roupa, cortiça, solas de sapato e lona.

Ao alvorecer do quinto dia, um cargueiro Barreto ao longe avista. Aos gritos, chama os colegas; não lhe acreditam, em virtude dos rebates falsos, já corriqueiros ali. Por fim, ainda cépticos, olham e verificam ter razão o companheiro.

Esbravejam, fazem sinais, e são avistados. Minutos depois, já próxima está a salvação. Às águas tenta atirar-se um marujo, e só é contido a pancadas de remos. "Balfy", o mercante inglês que os recolheu, já outros barcos encontrara. Um, vazio. Ataque de tubarões? Loucura coletiva? Nunca se saberá.

Passaram um cruzador, onde foram a Recife levados, para hospital, a fim de daqueles negros dias se restabelecerem.

Diz Barreto:

— Acho que devo ao Senhor a minha salvação. Rezei muito, e Deus me ajudou. E olhe, Elpio: quase todos os que se salvaram eram religiosos, não amigos de farras, de bebidas ou de muitos cigarros.

Corveta Camaquã

Chuviscava. Acabara a corveta de pessar o delicado serviço de comboio à escolta americana, e no pôrto de Recife, do qual distava doze milhas, preparava-se para entrar. Içara, como capitânia, os sinais de "Liberdade de Ação", os dois caça-submarinos — *Jutai* e *Graína* — que completavam a força já se haviam distanciado, em demanda do fundeadouro.

Mar grosso, vento forte. O navio tinha dificuldades em guinar para entrar, por causa da falta de lastro e do tempo ruim.

Ordena o Comandante que todos passem ao bordo que a força do oceano mais soíria a ver se não adernavam tanto. Mal cumprem a ordem, joga o navio violenta e súbitamente para buroeste. Um marinheiro que ao mar lixo atirava cai, por cima da balaustrada, de perto seguido por Roque.

Recupera-se o barco; cem metros adiante, porém, joga novamente para boreste, e desta vez não retorna, mergulhando todo o través nas vagas; três minutos depois, capota, como um carro de corridas acidentado.

O Comandante precipita-se ao apito e o faz soar. Prende-se sua camisa a um trinco e a um batente choca-se sua testa, abrindo-se em feia ferida. O Imediato e dois marujos querem salvá-lo, mas o Homem replica:

— Vão vocês, meus filhos. Eu vou para o fundo com meu navio.

Dúvidas não permitia a firmeza de sua voz. Os três afastam-se bem a tempo de evitar o capotamento da corveta, que ficou de quilha à mostra, onde se quedou, de pé, o cozinheiro, tão vestido como quando ao mundo veio. Muito negro, gordo avistado que foi pela guarnição do *Jutai* pareceu-lhes a torre de um submarino, naquele chuvisco medonho. Reboição a bordo:

"Todo o leme a boreste! Máquinas à vante a tóda força! Postos de Combate!"

Rogam a Carrapeta às águas atirar-se.

— Não sei nadar — responde êle — Dêem lembranças aos meus.

E afunda, como que colado à *Camaquã*.

Não poucos deixaram de sair. Colhidos alguns foram pelo acidente no beliche, outros nas cobertas e porões. Aliás, poucos instantes antes do naufrágio, o homem de serviço nas máquinas a um colega pediu que o substituisse enquanto algo iria buscar no convés. Coisa de minutos. O prestativo companheiro ficou, e para sempre. O outro salvou-se.

Durante a derrota, às autoridades de um mercante se haviam apresentado três clandestinos. Os infelizes julgaram poder enfrentar a viagem Santos—New York com um saco de pão apenas. Dois ficaram prostrados, vítimas de enjôo e da má alimentação. Rocolhidos à *Camaquã*, assim permaneceram, enquanto o terceiro se achava bem disposto.

Os dois doentes lograram salvar-se. O outro, não.

Um marinheiro cantava, nadando de costas:

— "Como é doce morrer no mar..."

O mais hereje e céptico componente daquela guarnição gritava:

— Meu São Jorge, salvai-me que tenho dois filhos para criar! Como é que a gente reza, gente?

Hoje é um fervoroso católico.

Ainda havia o que, com uma garrafa vazia na mão, lembrava os "garçons" europeus:

— *Do you like beer? Do you like beer?*

Vendo aproximar-se o *Jutai*, nadou Roque ao seu encontro. Içado a bordo, desfêz o engano:

— Não é submarino, não. Foi a corveta que virou.

Um par de horas depois, recolhidos foram todos os sobreviventes.

Alguns muito impressionados ficaram com aquelas cenas, indeléveis na memória de quem as presenciou. Conta Roque:

— Num navio em que servi depois, encontrei um rapaz, companheiro da *Camaquã* que, de madrugada, acordava gritando: "O navio vai afundar! O navio afundar!" Reformou-se por causa disso. Eu mesmo, nas noites de tempestade quando uiva o vento nas janelas, trato de sair para o ar livre. Em lugares fechados não consigo ficar calmo, nestas ocasiões.

Brasileiro, podes ficar tranquilo; a tua Marinha, seja em terra, mar ou ar, imonada ao teu Exército e à tua Força Aérea, disposto sempre estará a tudo enfrentar pela tua Casa, pela tua Família, pela Honra, Integridade e Instituições do teu País. E, Brasileiro, podes ficar tranquilo; enquanto em pé houver um Homem do Mar, haverá Alguém que traco o conforto e o aconchego do lar por um canhão e um dura beliche, que se priva do carinho da esposa e da mãe pelo mar bravio e guerra sanguinolenta, em defesa da Bandeira que representa "Paz no Futuro Glória no Passado!"

UM HOMEM QUE VOLTA

RONALD GUIMARÃES

Olhei as horas no relógio do bar. Não vi as horas. Vi somente minha própria imagem refletida no vidro do mostrador. Vi o rosto sujo e amarelecido, pisado por longos anos de misérias e amargores. Observei minhas pupilas, dentro do reflexo delas. Um par de olhos inexpressivos, desprovidos de vida e calor, fitava-me através pálpebras flácidas e indecisas. Um olhar vago e distante atravessou o meu, perdendo-se muito além daquele engordurado mostrador. Penetrara-lhe o maquinismo, fazendo-o retroceder a vários anos atrás.

Não direi que era feliz. Apenas não fôra infeliz. Casei-me relativamente cedo. Tinha minha casa própria muito bem cuidada, pois Marília (minha espôsa) era muito caprichosa. Tínhamos tudo pequeno e bem arranjado. De grande, só havia a chorona, plantada ao tempo de meu falecido pai, que sombreava a varanda, com aquela vasta e exuberante cabeleira verde. Espôsa, trabalho, casa e uma filha, completavam o meu mundo. Um dia muito distante, perdido entre a promiscuidade alcoólica do Passado, fui contador. Considerado homem de confiança, lidava com o movimento monetário da companhia. Nunca consegui acostumar-se à visão de tanto dinheiro. Sonhava. Fazia planos loucos. Todo homem tem o seu dia negro. Vivi o meu. Fraudei, falsifiquei, roubei. Ex-sentenciado, moralmente frustrado, coberto de opróbrio e vergonha. Jamais voltei à casa. Abandonara a família. Abandonara o trabalho. Já não vivia. Simplesmente abandonava. O remorso e o arrependimento acompanharam-me durante todo êsse tempo. Por mais que tentasse, não consegui livrar-me dos indesejáveis companheiros. Resolvi então, afogá-los... no álcool. Desci mais um degráu, quando não havia muito que descer.

... Os ponteiros giravam em sentido contrário. Retornei ao bar. Meti a mão no bolso. Vazio. Já não tinha o que vender. Negociaria a alma, se porventura a possuísse. Tentei conseguir a bebida fiado. Nada feito. Gritei, implorei, chorei... Seguraram-me e puseram-me na rua. Bêbado. Não faço idéia de quanto tempo fiquei ali prostrado. Fui reanimando-me gradativamente. Afinal consegui erguer-me. Eram sempre

os mesmos sintomas: dor de cabeça, sêde, moleza, náuseas. Intoxicação pelo álcool. Há dois anos peregrinava pelos mais sórdidos lugares, caindo ora aqui, ora acolá. Por várias vêzes fôra recolhido como vagabundo. Via de regra, andava sem destino, sem direção definida. Acho que não há bairro nem pocilga que ainda não tenha recebido minha mirabolante visita. Curioso, é que, embora saiba que já perambulei por todos êsses lugares, não me lembre senão da zombaria da rapaziada e do olhar de desprezo dos demais. Como são impiedosos... Paro. Súbitamente, começo a reconhecer aquele lugar. Sim, as mesmas casas, as mesmas alamedas, as mesmas árvores amigas. Que estranho é o mundo! Quão sádico é o destino! Após dez anos, torno a percorrer as avenidas por onde passava ao voltar do trabalho. Como tudo mudara! Sinto-me agora como num dêsses sonhos em que parecemos não viver; apenas, como meros expectadores, observamos o desenrolar da vida cotidiana. Sim, vivo num mundo à parte. Encerado em meu microcosmo, escondo comigo o remorso e a vergonha. Engraçado... Todos somos pequenos átomos a gravitar ao redor de um núcleo, um objetivo, girando, girando sempre. Então, o mundo não é um sistema complicado de átomos e órbitas. O mundo é um carrossel. Todos somos carrosséis. Nos bancos pintados de novo, levamos as alegrias, os amargores, as lembranças, os recalques. Umas rindo, outras chorando. Que predominará? A lágrima ou o sorriso? Não sei. Só sei que às vêzes choramos de alegria, mas nunca sorrimos às nossas desventuras...

Continuo a andar. Meus pés enfiados dentro dos sapatos, que há muito deixaram de ter sola, moviam-se maquinalmente para a frente. Repentinamente, senti que algo se chocava contra minha nuca. Voltei-me. Uma batata. Já me acostumara a isso. Um grupo de garotos de esquina riam e zombavam de mim.

— Olha o bêbado!... Risada geral.

Do meio de turba ululante distingui a figura de um menino de seus nove a dez anos. Gritava qual um possesso.

Vi a fileira de dentes alvos e brilhantes do garoto mostrar-se, para logo esconder-se. Seu peito arfava. Todo êle se retorcia enquanto berrava:

— O bêbado! Olha o bêbado!...

Tive ímpetos de correr, fugir. Estava tonto demais para tal. Os gritos estridentes do garoto foram perseguindo-me por entre as ruas. Por diversas vezes, tentei correr. Cai. Incontinentemente, a garotada me alcançou. Considerava-me perdido. No entanto, um silêncio mortal substituiu o alarido que esperava. Ali estava, de novo, derruído e impotente. Levantei a cabeça. Através as brumas que me toldavam a visão, contemplei a face infantil do pequenino algoz. Não vi a galhofa, não vi o sarcasmo. Vi somente uma lágrima que, relutante, despenhou-se de seus olhos, vindo molhar os lábios da criança que balbuciava... — Perdoa, moço. Eu não sabia...

Pensei: Sim, meu filho, ainda és muito pequeno para distinguir o engraçado do ridículo, o grotesco do miserável. Ri, pois, meu filho, e não chores nunca, nem de alegria...

A medida que me levantava, o grupo se ia dispersando. Não disse uma palavra sequer ao menino, que, cabisbaixo e arrependido, soluçava ainda. Levantei-me, simplesmente, e continuei minha sina de judeu errante. Como dizia anteriormente, começara a reconhecer aquelas ruas. Cada esquina, cada alameda, trazia-me uma multidão de doces recordações. Em dado momento, estaquei surpreso. Lá estava ela, do outro lado da rua. Minha casa. Tôda caiada de branco. Aproximei-me, cada vez mais admirado. Uma menina brincava despreocupadamente na varanda. Minha filha! murmurei para mim mesmo... Naquele minuto que fiquei encostado ao muro, meu passado veio inteiro à memória. Por que não? Por que não me regenerar? Ainda sou moço, forte, e resta-me alguma saúde. Estou certo de que po-

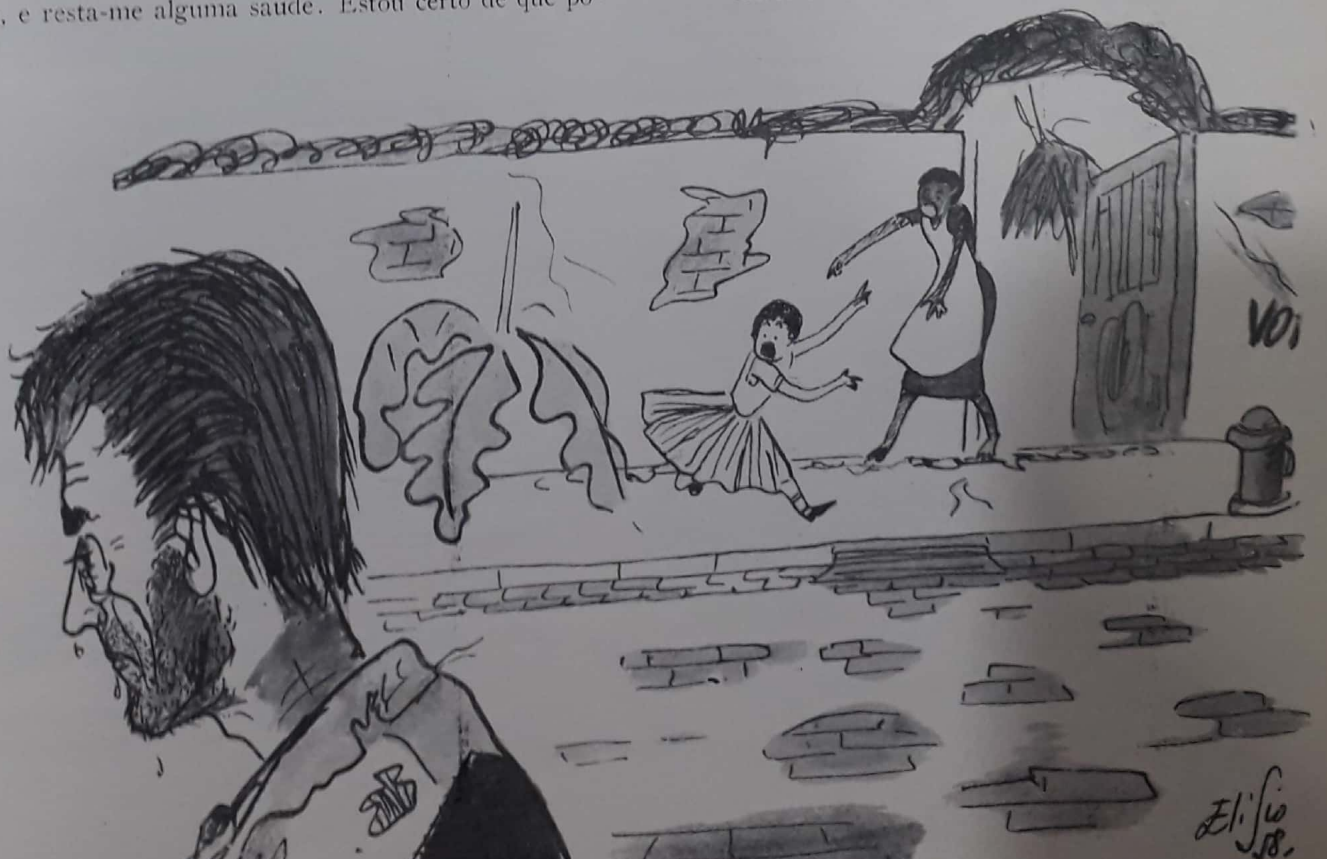
derei recuperar o tempo perdido. Certamente, Marília me amará ainda. Poderei viver feliz o que me resta da existência. Mais tarde, depois de Cristina ter casado, eu, com os netos ao redor de mim, encararei êsses anos como uma amarga experiência. Sinto a esperança aflorar-me aos olhos que brilharam com o fulgor de outrora. Sim, entrarei e falarei com ela. Atirar-me-ei a seus pés, implorando-lhe o perdão. Sim, eu sei que ela me aceitará de novo. Dei um passo para o portão.

A linda menina que brincava na varanda, voltou seu mimoso rostinho e fitou-me. Sorri para ela. A boneca que estava em suas mãos vacilou e caiu. Suas feições contraíram-se horrivelmente. Tôda ela mexeu-se e convulsionou-se. Seus olhinhos explodiram em miríades de lágrimas. Não foi o receio, mas o terror que vi estampado em sua face lívida. Estarreci. Surgindo não sei donde, apareceu uma pretinha que, correndo, arrebatou-me a filha nos braços negros, empurrando nervosamente o portão, cujo trinco estalou na fechadura. Lá de dentro, ouvi a voz angustiada de Marília, que, assomando à janela, perguntava: — Que foi isso aí, Amélia?...

— Nada não, senhora... Foi só um bêbado...

Naquêle rápido instante, envelheci uma eternidade. Não sabia o que fazer. Fiz o que sabia: andei. Meu andar trôpego e bamboleante lembrou-me o balanço de um navio. Navio desarvorado, sem rumo nem destino, perdido pelas ignotas regiões da incerteza. Ao chegar à esquina, olhei rapidamente para trás. A frondosa chorona balançava seus longos ramos ao sabor da brisa vespertina, acenando-me um derradeiro adeus.

— Quão insensato fui... quanto terei ainda de caminhar... Minha pobre chorona... só tu me reconheceste...



OS QUE NOS DEIXARAM



Todos lutam. Nem todos, entretanto, chegam ao mesmo objetivo, desembocam na mesma foz. Senão, todavia, caminhos diversos e igualmente gloriosos. Assim, passados dois anos, alguns de nossos colegas tomaram destinos diferentes; professores deixaram-nos antes que atingíssemos o final da pugna; educadores despediram-se para um breve encontro.

Eis porque aqui assinalamos... OS QUE NOS DEIXARAM...

Comte. Fernando Achilles de Faria Mello

Deixou-nos o Sr. Comte. Achilles. Inabalável no seu idealismo, trouxera-nos tôdas as modificações de que necessita um estabelecimento moderno de ensino, ministrando-nos, baseado na sua pedagogia, as maneiras aconselháveis para melhor aproveitamento.

Professor Mac Dowell

Seguindo para os Estados Unidos da América do Norte a fim de aprofundar-se nos estudos da Língua Inglesa, o Professor Mac Dowell, numa certa manhã nublada e triste, deixou para trás mais de uma centena de corações que o guardaram para sempre, quer pela maneira simples e amigável com que ministrava a sua matéria, já pela sadia ingenuidade de seu convívio, já pela pureza do seu idealismo.

Mesmo distante de nós, passados alguns meses de sua partida, tivemos a imensa satisfação de receber uma sua carta, em que relembra os momentos durante os quais, juntos, estivemos a lutar pela mesma causa.

CT (CFN) Helson Lino da Costa

Durante o curto espaço de tempo em que conosco conviveu, o Capitão Helson formou um enorme grupo de amigos e admiradores, sendo, ao mesmo tempo, militar e amigo.

CT Paulo Gouvea Correia

Estêve conosco até o início do ano de 1957, sempre ao lado do nosso Grêmio como Oficial Orientador, lutador incansável.

CT Antônio José da Paiva Rocha

Acompanhou-nos durante todo o ano de 1956 e pequena parte de 1957, destacando-se de modo especial, quando das festas Junina e do Aniversário do Colégio, com a direção dos trabalhos de ornamentação de nosso Ginásio.

Aluno Cláudio Portela Peixoto

Quase ao fim do ano de 1956 ficamos privados da presença amigável do Peixoto, que conosco havia atravessado tôdas aquelas barreiras iniciais, os primeiros passos, sempre os mais árduos, e que se destinará a outra carreira, levando a lembrança de cada um de seus verdadeiros amigos do CN.

Aluno Murilo Pinheiro Bourdon

Bourdon nos deixou logo ao iniciar-se o ano. Deixou-nos também saudades de sua agradável companhia, sempre carregando de humor os nossos mais cruciantes momentos.

DENTRE os que nos deixaram por circunstâncias as mais diversas, um ressalta-nos aos olhos marejados; José Gonçalves...

Partiu para a eternidade...

REQUIESCAT IN PACE...

TEXTO DO AL. MARCOS POGGI

José Gonçalves Ribeiro nasceu em São Paulo a 1.º de junho de 1938; ingressou no Colégio Naval em março do ano de 1956, onde, por sua simpatia e espírito de turma, conquistou logo a admiração e o respeito de todos os seus colegas; faleceu a 23 de maio de 1957.



Melhor seria se não disséssemos nada, mas a saudade, esta incômoda saudade, não nos deixa calar. Muitos diriam que estás melhor agora, que estás gozando das maravilhas do Paraíso e da Vida Eterna; nós, talvez por egoísmo, não pensamos assim — preferíamos que estivesse aqui, ao nosso lado. Qual seria o melhor? Melhor seria que não tivesses ido àquele churrasco, onde te vimos pela última vez? Não sabemos. Diante dos fatos, foge-nos a noção de melhor e de pior. E nós, em nossa incompreensão de adolescentes, procurando por todos os meios esclarecer os mais intrínsecos segredos da razão, não conseguimos discernir uma coisa da outra. O que podemos afirmar, e disso temos certeza, é que serás Aspirante e Oficial conosco; que, em cada navio ou base em que estiver alguém da tua turma, tu estarás também. Serás um pouco de cada um de nós.

Fica certo de que jamais esqueceremos a tua figura alegre e simpática; por mais que vivamos, jamais serás olvidado e, quando todos estivermos mudados, quando as rugas vierem a bordo do tempo e divisarem nossos rostos cansados da vida que não conhecestes, tu serás ainda um garoto; serás um Almirante garoto. Sim, porque, quando o "Formiga" deixar de ser "Formiga" e o "Leão" deixar de ser "Leão", continuarás sendo "Gonça". Essa satisfação conheceremos.

Em breve estaremos juntos, e aí teremos oportunidade de conversar melhor. Então falaremos sobre o Colégio, lembraremos nossa juventude, e tudo será felicidade. Que Deus até lá cuide bem de ti, é nossa vontade; que encontres a ventura suprema no céu, nosso desejo...

Dorme em paz, Gonça...



Arrancada Final



LUCIMAR

O período de provas finais caracteriza-se pelos máximos e mínimos, ora revestido da eloquência silenciosa da fadiga ou da derrota, ora reanimado por explosões eufóricas de vitórias alcançadas.

Aqui, uma consciência tranquila que atravessa o pátio para horas de merecido descanso, depois de um estudo metódico e eficiente; ali uma porção de cansaço sonolento e frio, recolhido ao calor de uma jãpõna, sobrecarregado de fórmulas para êle quase inexpressivas.

Momentos de indecisão e nervosismo contrastam com outros de alegria incontida.

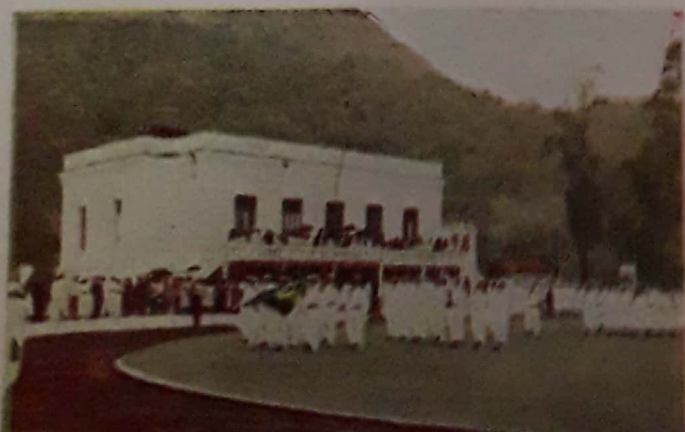
Isto é o fim do ano; a arrancada final, conduzindo passos trôpegos, bamboleantes e ousados pelo caminho da vida, em mais uma escala, em mais um pôrto neste oceano revoltado e impenetrável, no oscilar nômade dos grandes ideais.



● O Corpo de Alunos desfila em continência.

● Passagem do estandarte.

● Incorporada a bandeira, inicia-se o desfile.



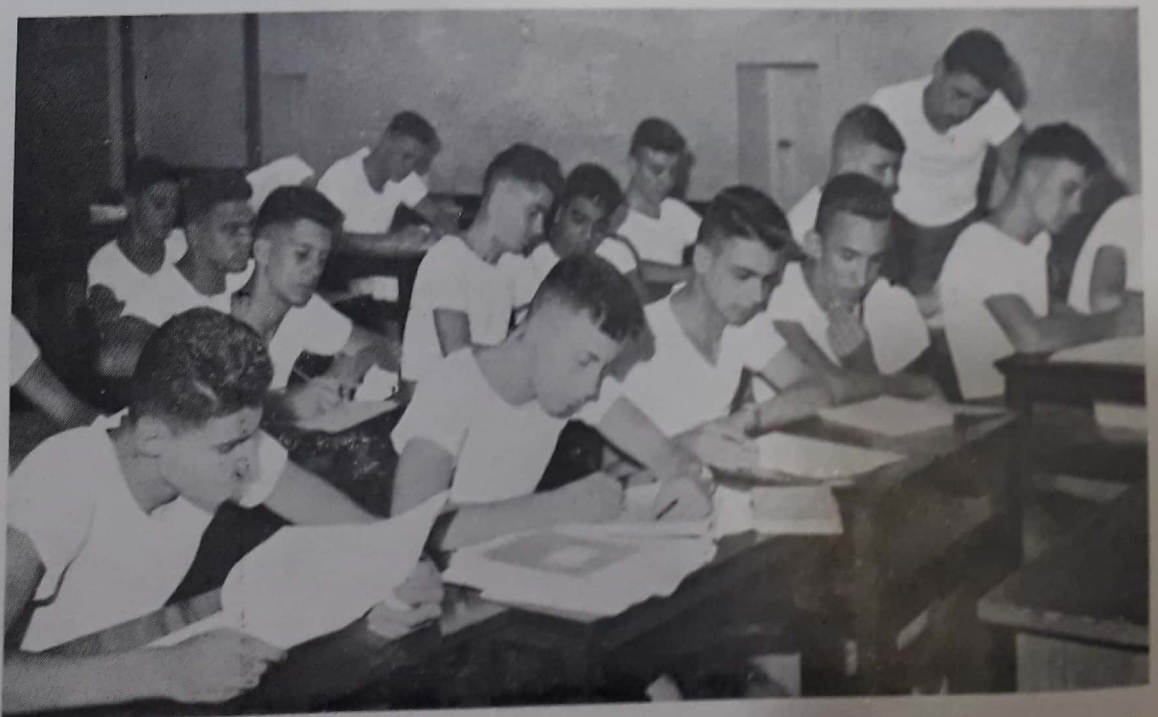
segue



PERÍODO DE PROVAS E ESTUDOS

Logo ao encerrarem-se as aulas, é-nos conferida uma semana de estudos que antecede as provas finais. Estudos ininterruptos, em que o homem é função do tempo, e o tempo função de estudo e sono. Os minutos são cuidadosamente contados e divididos, organizam-se planos criteriosos(por exemplo, o famoso "plano de estudos do Alencar"), quase sempre falhos, é bem verdade, mas que mostram a urgência da "virada".

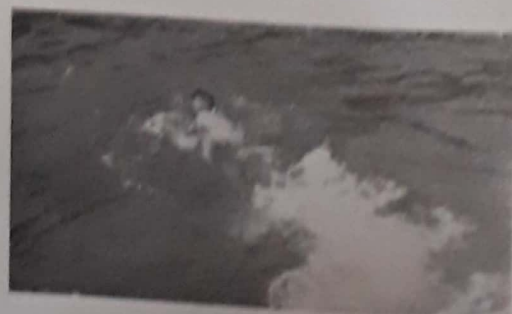
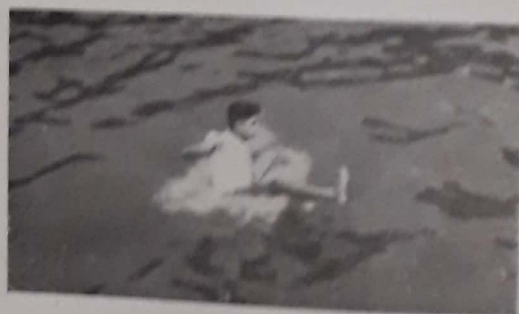
Passado êsse tempo, as provas finais dão um colorido apreensivo aos dias — Cansaço mental, fadiga física, refletidos em pares de olhos fundos e pesados; olhos sem brilho, mas confiantes, sempre confiantes...





O "BACALHAU" —
(em seis lições...)

Revestido dos mais interessantes ritos e cerimônias, constitui-se numa espécie de prêmio, num "brinde ao quatro", ao qual são submetidos todos aqueles que lograram esgueirar-se pela tangente ou que não esperavam ultrapassar uma ou outra matéria e o conseguiram. Não obstante, por êle passam também alguns dos melhores alunos, como podemos observar numa das fotografias (o Comandante-Aluno Amóra), possuídos da alegria dos outros. É uma das mais belas tradições d'esses poucos anos de vida do Colégio Naval.





● ÚLTIMOS DIAS DE "ROTINA"

Uma vez chegadas a um término, as provas dão lugar ao crepúsculo do ano. O fim está próximo, e é aguardado com grande ansiedade. Últimas paradas escolares, últimas alvoradas, impregnadas de vivo entusiasmo.

Realiza-se também por esta época a passagem de diretorias do Grémio. Eleita pelos alunos do primeiro ano, uma plêiade de jovens idealistas recebe das mãos dos antigos diretores o cetro da responsabilidade e da luta sem freios.



● MELANCOLIA

Há sempre lugar no coração para mais uma lembrança, para mais uma saudade. Os pátios, vazios e mudos, peregrinando entre as sombras da noite, dizem de desprezo e solidão; sôzinha, a amendoeira, embalada pelo sonho de algum poeta, recebe as noites sem o frenesi das fôlhas dos dias normais do ano. Tudo é tristeza no sem vida das sombras mudas das árvores e no farfalho surdo das fôlhas.

O "rancho" continua, mas sem aquêle impávido barborinho das grandes multidões. O campo de esportes viceja, mas não há sétimos tempos nem provas de atletismo. O Colégio acentua-se severo e frio, só-nâmbulo na boémia do silêncio.





Reportagem de

LUCIMAR —

FOTOS DE

Ronald Guimarães —

Tudo assentado, dois "Guanabaras" alinhados na linha de chegada e um sol forte de verão, apesar do tempo incerto, colocamo-nos a postos desde as seis horas do dia quinze de novembro à espera dos concorrentes. Sabíamos que o vento soprava forte fora da enseada e, por isso, nos encontrávamos prontos para quaisquer eventualidades. Os patrões do Departamento de Remo e Vela enchiam-se de trabalho, preparando com carinho a recepção aos convidados. Já íamos pela metade do dia, quando longe, despontando num rasgo de horizonte engastado entre a Ilha Grande e o continente, surgiu o primeiro, classe "Brasil", velas bojadas e cheias do vento de mar alto. Expectativa. De bordo do classe "Guanabara", que se estendia pela linha de chegada, pedimos ao Colégio que nos enviasse a lancha, para que fôssem colhidas boas fotografias. Surgiam outras velas, outras mensagens do mar. Sentíamos já a grande concorrência, o número de barcos que aparecia furando o horizonte. Chegamos para perto a bordo da lancha e pudemos observar e sentir a disputa renhida por uma melhor classificação. Enquanto nos detíamos em fotografar o "Singoala" pela beleza de suas linhas e de seu "spinnaker", o "Mistral" ameaçava transpor a meta, tão veloz e equilibrado se distanciava. Completando o percurso em exatamente treze horas, vinte minutos e onze segundos, o primeiro barco a transpor a última linha foi entusiasticamente recebido pela rapaziada que se colocara na Ponte do Colégio. O "Singoala", infeliz na manobra de passagem entre a chupeta e o Colombo, sofreu um encalhe, tendo, por isso, uma vez que foi socorrido pela comissão de chegada, desistindo da regata. Logo após, colocando-se em segundo lugar, o barco "Cairu II" cortava a chegada, tendo ao seu encalço o "Guaïamu". De resto, a não ser um outro encalhe de que foi vítima um dos ou-

tros barcos participantes, tudo correu normalmente. Passados os momentos emocionantes da chegada dos oito concorrentes, os iatistas tiveram à sua disposição a boa vontade dos componentes de recepção, que, sempre ativos, puderam oferecer-lhes o máximo de seus esforços.

Segunda Regata RIO - COLÉGIO NAVAL

"Muito vento lá fora. Foi uma grande regata. Estivemos sempre acompanhando a costa por uma distância de três ou quatro milhas. Garantíamos sempre, desde o início, a primeira colocação. Somente às quatro da manhã de ontem foi que o "Singoala" apertou o cerco, mas logo conseguimos passá-lo..." Tais foram as palavras do comandante do "Mistral" quando, à noite, em Angra, mantivemos alegre conversa. A impressão de todos eles, disseram-nos, era das melhores. Gostaram do empenho de nossos colegas em oferecer-lhes conforto e entusiasmo, da organização do trabalho, etc., e pareciam querer tornar a *Rio-Colégio Naval*, uma das tradicionais regatas da ABVO.

Dois dias estiveram os regatistas em nosso meio. Houve a solenidade de entrega das medalhas, que foi precedida de um lauto almoço.

Por essa época, a ponte do Colégio tomava um aspecto bem diferente do quotidiano. Olhando ao longe, o sol, acabando de correr sua regata diária, veste de vermelho as silhuetas esguias, dos barcos. É um toque de beleza na monotonia dos poentes de cada tarde. As águas claras da enseada deixam-se penetrar pelas sombras mudas dos mastros. Sombras que falam do mar, e que nos trazem das ondas revôltas do alto-mar a viva poesia da distância.

continua



Assim, firma-se, de forma elogiável entre nós, esta importante e interessantíssima competição aquática, que une no esplendor de suas belezas naturais, em que o mar predomina, a baía de Guanabara à enseada Batista das Neves, respectivamente pontos inicial e terminal dessa jornada esportiva — onde o elo, evidentemente, se representa pelas formas estéticas dos barcos — tão alvos como as velas que os conduzem.

Nos anos que virão sucessivamente, tal regata, já tradicional para nós, não poderá faltar, para maior ênfase dos nossos dias esportivos no Colégio.



Raul

Apresentar um conferencista externo, fazer discursos a pessoas relacionadas com nossa vida escolar, sejam eles de recepção, despedida ou congratulação, saudar uma agremiação literária ou esportiva que nos honra com a sua visita, enfim, representar verbalmente o Grêmio dos Alunos do Colégio Naval, tôdas as vèzes que isto se fizer necessário, eis as principais funções do nosso orador Oficial.

Para escolhê-lo, organiza-se anualmente, o já tradicional Concurso de Oratória que, a exemplo dos anos anteriores, constou de duas partes: um discurso sôbre tema livre, prèviamente preparado pelo candidato, e um improviso, cujo assunto é sorteado com três minutos de antecêdência.

Abertas as inscrições, apresentaram-se quatro candidatos, todos com amplas possibilidades de sagrar-se vencedores.

Marcado para o dia 25 de abril, o Concurso de Oratória, uma das mais importantes realizações do Departamento Cultural, contou com a presença do Sr. Diretor, Sr. Vice-Presidente, Oficiais, Professôres, Exmas. Famílias, além de grande parte do Corpo de Alunos.

O primeiro candidato, aluno **Lôbo**, optou pelo tema "A Liberdade", sôbre o qual discorreu bem, falhando, todavia, na parte de improviso.

O aluno **Martin**, segundo candidato, falou sôbre "A Justiça", dando-nos um bonito texto no qual soube explorar bem o tema escolhido, saindo-se ainda regularmente na parte de improviso, o que lhe valeu o segundo lugar nesse concurso.

O terceiro candidato foi o aluno **Velho**. Continuando a preferência por temas abstratos, escolheu "A Honra" — quarto lugar.

Finalmente ocupou a tribuna o aluno **Lucimar**, quarto candidato, discursando de maneira interessante sôbre o tema escolhido, "A Guerra e a Paz", procurando abordá-lo sob um ângulo diferente: o espiritual. Ganhou merecidamente o primeiro lugar, sendo, portanto, escolhido como Orador Oficial do Grêmio de 1957.

A comissão julgadora foi composta dos seguintes membros: CC Martins, CT Horácio, Profs. França e Dinâmérico e os alunos Amora e Raul.

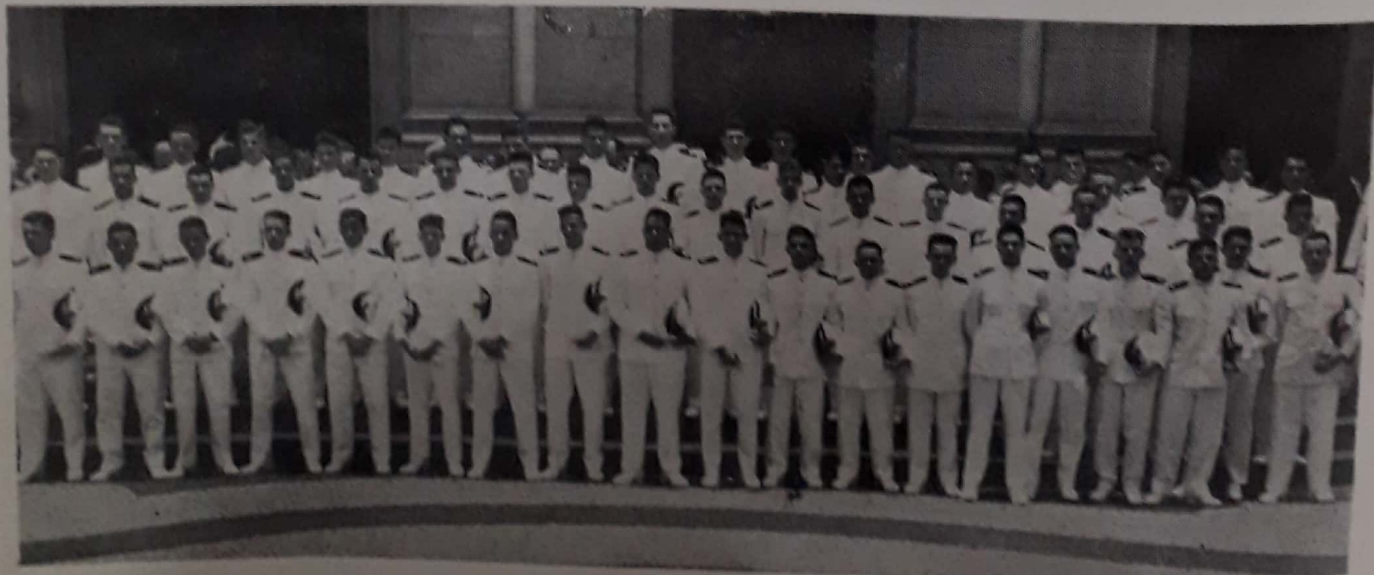
AÇÃO DE GRAÇAS

LUCIMAR

Eis que chegamos ao fim de nossa grande jornada; jornada de lutas ou fracassos, desilusões ou vitórias; eis que dois anos de alegrias ou tristezas, trabalhos ou diversões, chegam a um término glorioso. Uns celebram vitórias dessa estirpe com alegres vivas, com arroubos de entusiasmo; outros, com a incontestável satisfação do dever cumprido. Todos, entretanto, unidos de espírito, irmãos de ideais, exigem de si um instante de contemplação e prece, um momento de recolhimento profundo em agradecimento a Deus, em justo louvor ao Seu Nome e ao grande estímulo que sempre nos proporcionou. É o instante sublime da Santa Missa, instante em que todos elevamos os nossos corações ao alto dos céus, dando graças ao Senhor.

E esse momento de oração transcorreu na Igreja da Candelária, na manhã do dia dezesseis de dezembro.

O templo regurgitava. Os alvos uniformes engomados escondiam dentro de si jovens corações que transbordavam de alegria. A música sacra, ecoando pelos paredões, unia numa só e sincera melodia, os sonhos daqueles que, diante de Deus, agradeciam e pediam auxílio para os dias futuros.



Baile da

ÂNCORA

Texto de
LUCIMAR
Fotos de
RONALD



Olhando de longe, Rodrigo de Freitas encenava um ar festivo e engalanado de luzes. Como se não bastasse, o céu fazia estrelas brilhantes e lua cheia. À entrada, aquele mesmo e tradicional borborinho dos bailes concorridos. A moda feminina, falando alto, cortejava pelas alamedas arborizadas do Clube Naval, na Ilha do Piraquê. Os salões, magnificamente ornamentados, ostentavam a sobriedade e distinção que exigia o momento.

O "meeting" teve o seu início cêrca das vinte e duas horas, transpondo a madrugada do dia vinte e quatro até quase cinco horas.

Pouco antes da meia-noite, os auto-falantes do Clube Naval anunciavam que seriam dançadas as valsas. Foi êste o momento culminante do Baile: as valsas das mães e das madrinhas, imensamente concorridas, deram um toque de sensibilidade e emoção à noite. As orquestras de Waldir Calmon e Oswaldo Borba desempenharam com autoridade seu trabalho, enchendo os dois salões de melodias deliciosas, alindados êsses também por um grande número de encantadoras representantes de nossa sociedade. Ao longo da margem da Lagoa, o perfume romântico que rescendia atraía os enamorados.

Foi, afinal, mais uma prova de denôdo e coragem dos nossos colegas da Comissão Organizadora do Baile da Âncora, pelo que de belo, original e carinhoso nos ofereceram regalando de entusiasmo a festa que comemorava o final de dois anos de Colégio Naval, o que significa mais um degrau, mais um passo, mais uma vitória.





Últimas Ecas

— Lá está o Colégio — dissera-me um dos segundanistas que nos acompanhavam desde o Rio.

Chegando-me mais à amurada, pude observar melhor a enseada Batista das Neves, que envolvia a embarcação num abraço carinhoso e amigo. As doze horas exatamente, desembarcávamos na velha ponte.

Quase dois anos se passaram e eis-me de novo contemplando aquela mesma ponte que, pouco a pouco, se dissolve entre a espuma da esteira branca que abandonamos. Lá está a mesma torre de sempre, contrariando o verde exuberante das matas, com aquela palidez de poeta. Por detrás da torre, o pátio interno, os bancos de pedra, as amendoeiras e os pardais, que tôdas as manhãs, logo após o pequeno almoço, mendigavam-nos algumas migalhas de pão. Cercando o pátio, vem o rancho, as salas de aula e os alojamentos. Com a retirada dos alunos, tudo torna-se quieto. As mesas de estudo limpas e envernizadas, as portas dos armários batendo de abandono, os corredores desertos, o sol esquentando o concreto e as árvores espalhando sombra inútilmente. Até os pássaros abandonam os ramos acolhedores e fogem para o aconchego dos ninhos, a fim de não perturbarem tão absoluto silêncio. Somente pelos cantos, poderíamos surpreender o eco de alguma risada saudosa ou o bater descontraído de passos trêfegos. Tudo são retalhos, reminiscências que me tomam a mente de assalto...

— Calouro, venha cá!

— Vai cantando o logarítmo!

— Acho que safo o quatro...

— Hoje vou ter que virar a noite...

— Passou?... É?... Não há de ser nada! No

ano que vem você sai oficial-aluno...

— Que tal eu fico com duas divisas na gola?

— Mas o comandante quer falar logo comigo?...

— Bem que podia safar a minha presença na matutina...

— Agora é dar a virada porque só falta uma semana...

— Você não vai à vista de prova?

— Ei, esperem! Vocês não vão querer atirar-me da ponte só porque passei na revis...!?!

... e eis-me aqui, recordando, vendo os fatos, as vozes, as lágrimas e os sorrisos, empurrados do Presente para os arquivos do Passado... Sim, este momento fôra ansiosamente esperado... Entretanto, quando percebi que esta era a última vez que assistia, como aluno do CN, ao desenrolar daquela paisagem que se nos tornara tão íntima, senti uma sensação estranha e incomodativa, como a encher-me a alma, com uma amargura suave, impalpável e indefinida... Seriam saudades? A fim de repelir idéia tão absurda, saquei do bolso um cigarro, num movimento brusco, arrancando o colega que partilhava comigo daquele estreito pedaço de amurada da profunda contemplação que o absorvera. Olhou-me um pouco desajeitado e disse com os lábios aquilo que o coração diria jamais: "Até que enfim acabou, hem?" — É, até que enfim... arrematei.

Ficamos ali os dois, mudos e contemplativos, lutando inútilmente contra a saudade, enquanto Angra dos Reis se perdia na espuma da distância, entre as grades das montanhas verdes e o verde das ondas muito verdes...

RONALD

Um abraço, C N!



QUE SEJA TEU VULTO ESTANDARTE,

E TEU SANGUE BANDEIRA,

E TEU SONHO IDEAL DE NOSSOS JOVENS CORAÇÕES;

A GLÓRIA DO TEU NOME A DEFESA DO FUTURO DE NOSSA MARINHA!

